O ECO
Jornal da Ilha Grande

Setembro de 2021 - Edição 269 - Ano XXII

Abraão, Ilha Grande, Angra dos Reis - RJ

O MAR É GLOBAL, MAS SEU MANEJO É LOCAL!

Foto: Pedro Paulo Vieira



PÁGINA 08

QUESTÃO AMBIENTAL

ESPÉCIE DE PICA-PAU QUE INSPIROU DESENHO ANIMADO SERÁ DECLARADA EXTINTA

PÁGINA 03

COISAS DA REGIÃO

FEIRA DA ECONOMIA CRIATIVA COMEMORA 1 ANO

PÁGINA 16

TEXTOS

BARÃO HIRSCH – O JUDEU DE QUATRO IRMÃOS

PÁGINA 20

DIRETOR EDITOR: Nelson Palma
CHEFE DE REDAÇÃO: Núbia Reis
CONSELHO EDITORIAL: Raissa Jardim, Núbia Reis.
DIAGRAMAÇÃO: Raissa Jardim

DADOS DA EMPRESA:
Palma Editora LTDA.
Rua Amâncio Felício de Souza, 110
Abraão, Ilha Grande-RJ
CEP: 23968-000

CNPJ: 06.008.574/0001-92
INSC. MUN. 19.818 - INSC. EST. 77.647.546
Telefone: (24) 3361-5410
E-mail: oecojornal@gmail.com
Site: www.oecoilhagrande.com.br

As matérias escritas neste jornal, não necessariamente expressam a opinião do jornal. São de responsabilidade de seus autores.



EDITORIAL

ÉTHOS

- Significado: conjunto dos costumes e hábitos fundamentais no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

Uma palavra grega de fundamental importância no comportamento humano. Através desta palavra se define o comportamento de uma coletividade simples ou de uma nação. Os valores institucionais em especial, nunca poderia estar fora do significado desta palavra, pois são as instituições (poderes) que definem o comportamento de seu povo. Nenhum dos poderes se preocupa de como está "seu éthos", seu conjunto de valores na sociedade. Daí a balburdia dos nossos três Poderes. Eles defendem suas opiniões como pessoas, não como instituição, o que gera o eterno e indesejável conflito. Sua incapacidade de entendimento, divide a sociedade, cria todos os tipos de insegurança e multiplica o descrédito aos políticos. Hoje eu teria vergonha de ser político pelo quanto a sociedade vê o político como pessoa do mal. Na mesma direção anda a justiça. A palavra juiz, já é entendida como "oportunista da lei", diante do descrédito que chegou o Judiciário. Nesta situação, fica à mercê de erros e acertos o Executivo e consequentemente o país cairá no precipício. E como fica o povo? "O poder emana do povo" ficou na retórica, simplesmente na arte de bem dizes. No coloquial: levar o povo no bico.

Pelos últimos acontecimentos, há demonstração de que o povo não será mais levado pela retórica. Está começando a se impor. Mas parece que na área política, como um todos, não haverá preocupação com isso. Só o profeta ou o tempo dirá o que será o porvir. Nada aponta para dias melhores a não ser o último acordo firmado em decorrência das manifestações.

Se os políticos conhecessem a história, ou a considerassem ao menos, teriam subsídios suficientes para errar menos.

Neste jornal escreve um pensador, sobre as sabedorias na Grécia antiga, conceitos que seriam aplicáveis perfeitamente na atualidade.

O mundo político nada aprendeu através dos tempos, ou simplesmente tenha desprezado o passado.

Um povo que não leva em conta o passado, não tem memória. Sem memória, os conceitos culturais serão engolidos pelos modernismos vazios, que não passam de devaneios no tempo. Tudo deve ter base sólida para que se sustente. Mas, na atualidade, a base é construída pela retórica prolixa, que é uma técnica de confundir o povo simples e fazê-lo acreditar que entendeu e que o orador é sábio. Até na "palavra de Deus", esta técnica é usada, pois ela confunde com perfeição de verdade e por isso desinforma. A desinformação sempre foi a grande arma (sem ser de fogo), dos ditadores. Nossa mídia é especialista em desinformar, distorcendo os fatos, por acréscimo de uma vírgula, ou por omitir um complemento no que foi dito. É comum ler uma notícia em vários veículos de comunicação e não se entender, no todo, o que foi noticiado como verdade. Enfim, é o mundo louco que criamos!

...Voltando às manifestações populares deste mês de setembro, parece-me que os nossos dirigentes, referindo-me aos três poderes, entenderam que a palavra éthos será o pilar altruísta em substituição aos seus egos "bizarros", pois seu conjunto de valores na sociedade deverá determinar seu futuro político. Se assim entenderam e cumprirem seus acordos, o Brasil estará novamente sobre trilhos. A tormenta angustiante entre os poderes, poderá se tornar ventos melhores, soprará em seu favor, até como suave brisa. Ah! Se assim for... mas na caixa de pandora, uma única coisa salva: a esperança. EU TENHO!

O EDITOR

Sumário

03 QUESTÃO AMBIENTAL
06 TURISMO
08 MATÉRIA DE CAPA
12 INFORMATIVO O ECO
13 COISAS DA REGIÃO
19 TEXTOS, NOTÌCIAS E OPINIÕES
27 COLUNISTAS
28 INTERESSANTE

AMEAÇADO PELO AVANÇO DA AGRICULTURA, PAMPA É O BIOMA QUE MAIS PERDE VEGETAÇÃO NATIVA

Levantamento do Mapbiomas mostra que em 36 anos o segundo menor bioma do país perdeu 21,04% de sua cobertura vegetal. Maior parte da perda foi para a produção de soja

Por Bruna Martins, Oeco.org

O Pampa, também conhecido como "Campos do Sul", é o segundo menor bioma brasileiro e o que mais vem perdendo vegetação nativa proporcionalmente ao tamanho de seu território. A partir de análises de imagens de satélite feitas pelo Mapbiomas entre 1985 e 2020, foi observado que o bioma perdeu 21,04% de sua cobertura vegetal, ficando à frente do Cerrado (-19,8%), Pantanal (-12,3%) e Amazônia (-11,6%).

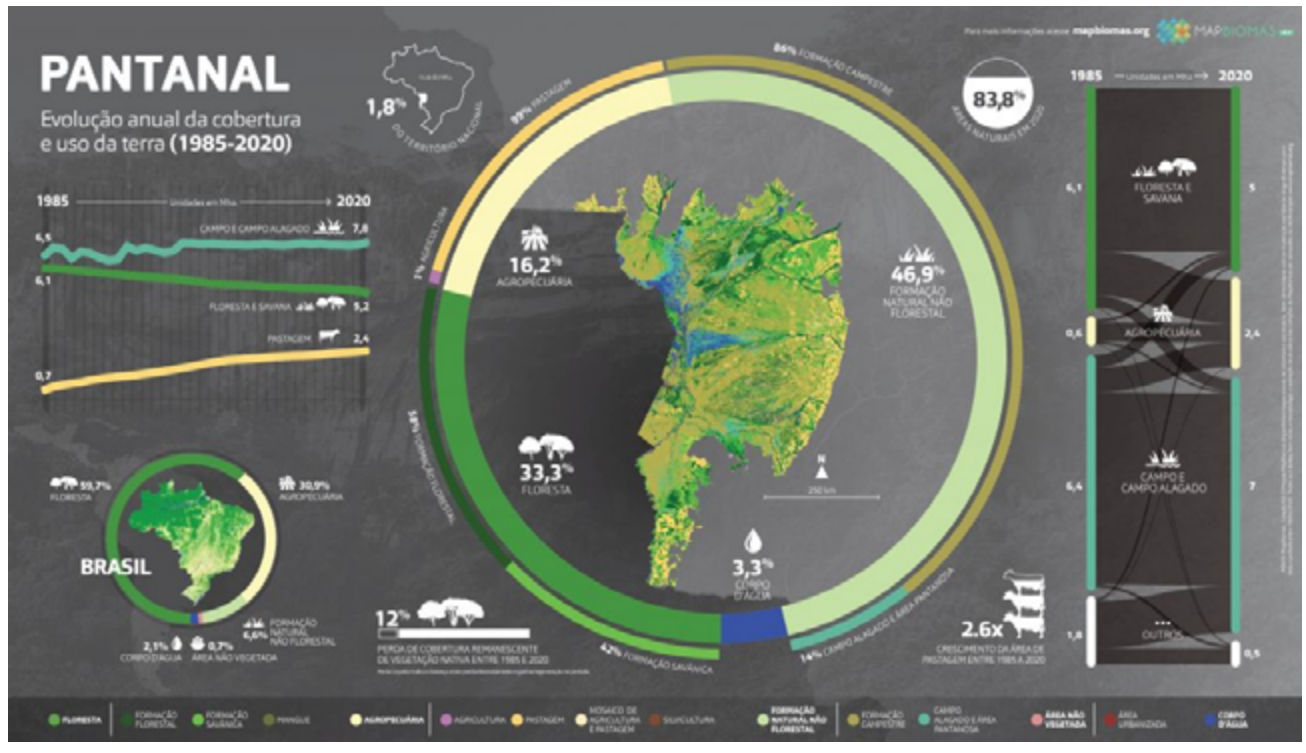
Muito dessa perda se dá pelo avanço da agricultura no bioma gaúcho. Na última década, a atividade humana sobre a vegetação natural do Pampa passou a ser intensificada, podendo ser observada por meio da mudança de perfil do uso comercial do solo. Por ser uma região plana e constituída principalmente por vegetação campestre, como gramíneas, herbáceas e algumas plantas, o Pampa é um território natural para a atividade pastoril. No entanto, como explica Heinrich Hasenack, coordenador do mapeamento do Mapbiomas para o Pampa, ele vem sendo devastado pela substituição da formação campestre pela agricultura, que favorece a perda de biodiversidade e liberação de carbono na atmosfera, além de ser um um desvio de uma vocação econômica natural do Pampa: "Ao contrário da Amazônia ou do Cerrado, onde é preciso desmatar para criar gado, no Pampa a vegetação nativa é um pasto natural, o que permite que a pecuária se desenvolva preservando a paisagem", explica o coordenador.

Mas a atividade tem perdido espaço. "Apesar de estar na tradição gaúcha, na história da ocupação do bioma e de ser uma atividade que, no Pampa, é mais alinhada aos desafios do Século 21 de preservação da biodiversidade e redução das emissões de carbono, a pecuária sobre campo nativo está perdendo espaço para a agricultura, notadamente a soja", detalha Hasenack.

O levantamento do Mapbiomas mostra que, nesses últimos 36 anos, o Pampa perdeu 2,5 milhões de hectares de vegetação nativa e, desse total, mais de 1,9 millhão foi destinado à agricultura, o que corresponde a 76% da devastação. A atividade, que ocupava 29,8% do bioma em 1985, passou a usar 39,9% do território em 2020. No ano passado, era o principal uso dos 44,1% antropizados do Pampa e segue uma tendência de crescimento alto a cada ano.

As regiões da Fronteira Oeste, o Planalto Médio/Missões, Zona Costeira e leste da Campanha foram as que mais sofreram perdas com o avanço da agricultura nesse período, mas a substituição pode ser observada em todo o território. Os cinco municípios que mais devastaram o Pampa nos últimos 35 anos foram São Gabriel, Alegrete, Tupanciretã, Dom Pedrito e Bagé.

Vale lembrar que o Pampa, hoje o que mais perde vegetação, é também o que tem a menor proporção de unidades de conservação dentre todos os biomas brasileiros. Apenas 3% dos Campos do Sul são protegidos, sendo 80% Áreas de Proteção Ambiental, categoria com menor grau de proteção. Por conta disso, existem regiões do Pampa que já estão excessivamente descaracterizadas, com sua capacidade de restauração ecológica com as variantes genéticas típicas dessas regiões em risco, aponta a pesquisa.



QUASE 30% DE MAIS DE 138 MIL ESPÉCIES DO PLANETA ESTÃO AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO, ALERTA AGÊNCIA

A União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês) afirmou que, apesar da melhoria global na preservação das espécies, o número de animais que estão em alto risco continua a crescer

Por Katya Krebs, da CNN



Dragão de Komodo: esses grandes lagartos encontrados pela primeira vez na Ásia; sua origem data de cerca de 40 milhões de anos. Getty Images

Uma importante agência internacional de conservação alertou que 28% das 138.374 espécies identificadas em sua "lista de vigilância de sobrevivência" como estando "sob ameaça" agora foram movidas para a "lista vermelha" – o que significa que estão em alto risco de extinção.

A União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês) relatou os dados durante a atualização anual da lista vermelha neste sábado (4), em Marselha, na França, e afirmou que apesar da melhoria global, o número de espécies que estão em alto risco continua a crescer.

A organização disse que muitos estoques regionais de atum continuam severamente esgotados. Por exemplo, o atum albacora continua a ser sobreexplorado no Oceano Índico.

A atualização também incluiu uma reavaliação das espécies de tubarões e arraias do mundo, o que mostra que 37% dessas espécies estão ameaçadas de extinção.

Todas as espécies de tubarões e arraias ameaçadas estão sob pesca excessiva, informou a IUCN, com 31% delas ainda afetadas pela perda e degradação do habitat e 10% também afetadas pelas mudanças climáticas.

"Notamos semelhanças impressionantes entre as estatísticas de tubarões e arraias e as estimativas recentes de plantas: cerca de 2 em cada 5 estão ameaçados de extinção, e a perda e degradação do habitat apresentam ameaças mais imediatas do que as mudanças climáticas", disse o Dr. Eimear Nic Lughadha, cientista conservacionista no Royal Botanic Gardens.

Além disso, o dragão de Komodo, o maior lagarto do mundo, é agora considerado em perigo devido a uma perda significativa de habitat devido às atividades humanas em andamento e às mudanças climáticas, informou a IUCN.

"A ideia de que esses animais pré-históricos deram um passo mais perto da extinção devido em parte à mudança climática é aterrorizante – é mais um anúncio para que a natureza seja colocada no centro de todas as tomadas de decisão às vésperas da COP26 em Glasgow", disse o Dr. Andrew Terry, diretor de conservação da Sociedade Zoológica de Londres.

A COP26, uma conferência das Nações Unidas sobre mudanças climáticas, acontecerá em novembro.

Alok Sharma, o presidente da COP26, disse anteriormente que deseja que as negociações climáticas deste ano cheguem a um acordo sobre uma série de metas importantes, incluindo colocar uma data final para o uso de carvão, um compromisso de fazer com que todas as vendas de carros novos cheguem a zero emissões dentro de nos próximos 14 a 19 anos, interrompendo o desmatamento até o final da década, e maiores reduções de emissões de metano.

Há esperança para as espécies em risco: das sete espécies de atum mais pescadas comercialmente que foram reavaliadas, quatro delas estão mostrando sinais de que estão começando a se recuperar depois que os países aplicaram cotas de pesca mais sustentáveis e estão combatendo a pesca ilegal com sucesso, disse IUCN.

As quatro espécies de atum incluem o atum rabilho do Atlântico, que passou de "em perigo" para "menos preocupante", o atum rabilho do sul, que passou de "criticamente em perigo" para "em perigo", o atum voador e o atum albacora, que mudaram de "quase ameaçado" para o status de "menos preocupação".

"Essas avaliações da Lista Vermelha são a prova

de que as abordagens de pesca sustentável funcionam, com enormes benefícios de longo prazo para a subsistência e a biodiversidade. Precisamos continuar aplicando cotas de pesca sustentáveis e reprimindo a pesca ilegal", disse Bruce B. Collette, presidente do Grupo de Especialistas em Atum, do IUCN.

"As espécies de atum migram por milhares de quilômetros, portanto, coordenar seu manejo globalmente também é fundamental", disse Collette.

(Este texto é uma tradução. Acesse o site: https://edition.cnn.com/ para ler o original em inglês)

ESPÉCIE DE PICA-PAU QUE INSPIROU DESENHO ANIMADO SERÁ DECLARADA EXTINTA

Na lista divulgada por autoridades dos EUA, estão outras 22 espécies de pássaros, peixes, mexilhões e outros animais selvagens

Por Alisha Ebrahimji e Ella Nilsen, da CNN

O pica-pau-bico-de-marfim, que inspirou o personagem do desenho Pica-Pau, deve ser declarado extinto, anunciaram autoridades da vida selvagem dos Estados Unidos nesta quarta-feira (29). Na listagem, estão outras 22 espécies de pássaros, peixes, mexilhões e outros animais selvagens.

"Para as espécies propostas para exclusão hoje, as proteções da Lei das Espécies Ameaçadas chegaram tarde demais, com a maioria extinta, funcionalmente extinta ou em declínio acentuado no momento da listagem", disse o Serviço de Pesca e Vida Selvagem dos EUA.

Também estão programados para extinção o pássaro toutinegra de Bachman, duas espécies de peixes de água doce, oito espécies de mexilhões-de-água-doce do sudeste e 11 do Havaí e das ilhas do Pacífico.

"As circunstâncias de cada um também destacam como a atividade humana pode levar ao declínio e extinção de espécies, contribuindo para a perda de habitat, uso excessivo e a introdução de espécies invasivas e doenças. Os impactos crescentes das mudanças climáticas são esperados para exacerbar ainda mais essas ameaças e suas interações, "disse a agência de vida selvagem.

Quase 3 bilhões de pássaros foram perdidos na América do Norte desde 1970, de acordo com um comunicado à imprensa do US Fish and Wildlife Service.

Dúvida sobre extinção

O pica-pau-bico-de-marfim nunca foi conhecido como uma ave comum, pois dependia de grandes pântanos do sul com muito espaço e comida para prosperar, de acordo com a American Bird Conservancy. Enquanto seu habitat começou a desaparecer devido à extração descontrolada, o pica-pau tornou-se escasso.

Ele foi frequentemente baleado por caçadores e colecionadores, o que provavelmente contribuiu para seu desaparecimento, disse Tierra Curry, cientista do Centro de Diversidade Biológica.

O último aparecimento confirmado do pica-pau-bico-de-marfim nos Estados Unidos foi na Louisiana na década de 1940, disse John Fitzpatrick, diretor emérito do Laboratório Cornell de Ornitologia. Mas há relatos e vídeos granulados do pássaro datados do início dos anos 2000 no leste do Arkansas que não foram confirmados.

"Na minha opinião, é prematuro declarar a ave oficialmente extinta por parte do Serviço de Pesca e Vida Selvagem dos EUA porque a ave ainda pode existir", disse ele à CNN. "O ponto de declarar algo extinto é ter evidências sólidas de que ele se foi."

Fitzpatrick e outros ornitólogos farão uma petição à agência de vida selvagem durante o período de comentários para retirar a ave da lista de extinção, disse ele.

"Estou esperançoso que eles dêem outra olhada nisso e digam que podemos realmente retirar isso por mais uma ou duas décadas", disse Fitzpatrick. "Continuamos a dizer que vale a pena procurar este pássaro."

(Este texto é uma tradução. Acesse o site: https://edition.cnn.com/ para ler o original em inglês)



Quase 3 bilhões de pássaros foram perdidos na América do Norte desde 1970, de acordo com um comunicado à imprensa do US Fish and Wildlife Service. Foto: Auscape/Universal Images Group via Getty Images

SAN RAFAEL EN BICICLETA: UNA EXPERIENCIA PARA TODOS LOS GUSTOS

Por Turismo & Gestión

Unas tres horas al sur de la capital mendocina, la pintoresca ciudad de San Rafael conmueve al turista con su marco de exultante naturaleza, entre montañas y lagos que se abrazan en una trama multicolor. El paisaje urbano es una extensión del entorno, en el que la bicicleta irrumpe como vehículo habitual de residentes y visitantes; con circuitos aventureros tanto para principiantes como para expertos; con recorridos por la historia, la cultura y los sabores de esta perla cuyana.

Ubicada al norte del Río Atuel y sobre el Río Diamante, la geografía de San Rafael se adapta a las necesidades de cualquier ciclista de mountain bike, con circuitos para los niveles inicial, intermedio y avanzado tanto en la zona de Valle Grande como en el Cañón del Atuel y en el Cañón del Diamante; y también en Villa Las Tinajas. Muchos de estos recorridos están marcados por las numerosas competencias que se realizan habitualmente: duatlón, triatlón y pentatlón.

La gran diversidad de opciones permite que puedan disfrutar estos recorridos, tanto aquellos ciclistas que gustan de grandes desafíos deportivos, donde prevalece el esfuerzo físico, como de aquellas personas que utilizan la bicicleta para desplazarse en sus lugares de residencia y que busquen nuevas experiencias de aventura.

El entorno sanrafaelino dota a cada salida de una escenografía atrapante. En el Cañón del Atuel, el circuito por camino de ripio es el mismo que utilizan los vehículos a motor, con bajadas en pendiente muy exigentes, enmarcadas en un paisaje que envuelve, entre coloridas geoformas que salen al paso y cóndores que parecen monitorear la vida montaraz. El lago y la imponente central hidroeléctrica completan la majestuosa postal.

En Villa Las Tinajas, los senderos de montaña se caracterizan por la presencia pedregosa, la sierra pintada y el parque arqueológico, que parecen obsequiar a la salida de recreación deportiva en bicicleta de una fuga en el tiempo, transitando la prehistoria. Las personas parecen perderse en la inmensidad de una composición trascendental. Desde las alturas, los ineludibles retratos se bañan de colores inasibles.



A San Rafael arriban cada año familias que disfrutan de las aventuras en 4x4 y deciden apagar sus motores para brindarse a la aventura en bicicleta. También lo hacen aquellas que gustan del entrenamiento frecuente y las actividades al aire libre. Incluso se suben a las bicicletas, personas acostumbradas al pedestrismo. Y un fenómeno recurrente es también el de grupos de amigos que con tiempo se contactan con los servicios locales de bicicletas para solicitar la programación de recorridos para conocer circuitos de diversa dificultad en dos, tres o cuatro días consecutivos. Se les prepara la logística, se trackean senderos e incluso se les acompaña para responder a cualquier eventualidad o recurrir a rutas alternativas.

Es tan común que familias, grupos de amigos, parejas y personas individuales se informen previamente y reserven servicios, como también que arriben por la ciudad y



Canion del Atuel

empiecen a preguntar hasta encontrar la propuesta más acorde a sus expectativas. Al tratarse de una ciudad amigable con la bicicleta y con toda actividad al aire libre en general, San Rafael ofrece una respuesta para ambos tipos de visitantes, haciendo de este destino un lugar de disfrute y bienestar.

Hay circuitos mapeados que pueden consultarse por internet o bajándose aplicaciones que cuentan con comentarios de quienes ya los conocen; hay algún tipo de cartelería también; pero principalmente hay un conocimiento general en la ciudad sobre las opciones que la región ofrece para los amantes de las bicicletas. Preguntando, se llega a todos lados, dicen en San Rafael, acostumbrados a acompañar las inquietudes de quienes les visitan.

Se trata de una ciudad que vive habitualmente en bicicleta. Se trata de una característica distintiva de la localidad que suele sorprender a quienes arriban por primera vez. Grandes y chicos se manejan habitualmente en este vehículo saludable, para ir a hacer las compras, para ir a la escuela, para ir al trabajo, para salir de visitas o simplemente como actividad recreativa. Esto ha generado que el tránsito vehicular del lugar esté adaptado a esta manera de vivir y que abunden las bicisendas. Esto garantiza no sólo comodidad para los visitantes, sino también seguridad.

La historia y la cultura de San Rafael está atravesada también por la producción olivícola y vitivinícola, con la presencia de numerosas bodegas, entre tradicionales y modernas, tanto en la misma ciudad como en los alrededores. Recorridos pautados o didácticos mapas permiten recorrerlas con sólo alquilar circuitos guiados o las mismas bicicletas.



Sin dudas, para conocer acabadamente a San Rafael, Mendoza, hay que permitirse subirse a la bicicleta. Opciones hay para todas las necesidades. La sugerencia es informarse con la gente del lugar y apelar a guías y servicios locales, no sólo para adquirir recorridos y alquilar las bicicletas, sino fundamentalmente para dotarse de las recomendaciones y sugerencias que permitan arribar a los lugares más notables de esta ciudad, tan amigable con la bicicleta en un marco lleno de naturaleza.

TRADUÇÃO

SAN RAFAEL DE BICICLETA: UMA EXPERIÊNCIA PARA TODOS

A cerca de três horas ao sul da capital Mendoza, a pitoresca cidade de San Rafael emociona os turistas com seu cenário de natureza exultante, entre montanhas e lagos que se envolvem em um tecido multicolorido. A paisagem urbana é uma extensão do ambiente, em que a bicicleta aparece como veículo habitual para residentes e visitantes; com circuitos de aventura para iniciantes e especialistas; com passeios pela história, cultura e sabores desta pérola de Cuyo.

Situada ao norte do rio Atuel e no rio Diamante, a geografia de San Rafael se adapta às necessidades de qualquer ciclista de mountain bike, com circuitos de nível inicial, intermediário e avançado tanto na região do Vale Grande como no Canyon del Atuel e o Canyon do Diamante; e também em Villa Las Tinajas. Muitos destes percursos são marcados pelas inúmeras competições que se realizam regularmente: duatlo, triatlo e pentatlo.

A grande diversidade de opções permite-lhes desfrutar destes percursos, tanto os

O MAR É GLOBAL, MAS SEU MANEJO É LOCAL!

A União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês) afirmou que, apesar da melhoria global na preservação das espécies, o número de animais que estão em alto risco continua a crescer

Por Pedro Paulo Vieira, Ph.D*

Parece uma premissa evidente, mas apesar de vivermos em um mundo globalizado em que inovações tecnológicas permitem a cada instante o contato em tempo real entre pessoas separadas por quaisquer distâncias, é rara a percepção de que já estamos conectados pelos mares e oceanos que permeiam e de certa forma unem - a milhões de anos - as porções de terra deste planeta, de forma a serem uma espécie de matriz que junta tudo que fica acima da superfície. Sim, as distâncias percorridas por esta massa de água são planetárias o que a faz ter muitos nomes, diferentes propriedades, temperaturas, e por conseguinte, variados biomas se estabelecem. Mas em última instância, os mares e oceanos conectam fisicamente todos os continentes, e por conseguinte a todos nós, seres humanos, ínfima parcela dos seres vivos que ocupam estes espaços terrestres (apesar de nossa altíssima capacidade de alterá-los).

Este conceito não tem nada de novo, mas deve ser cada vez mais "divulgado" pois com o aumento constante e previsão de incrementos cada vez maiores de nossa população em escala de bilhões de habitantes, cada vez mais teremos menos espaço para conviver e nossas necessidades mais básicas, como acesso a água potável e alimentos, se tornará a cada dia um desafio mais urgente, e cujo não enfrentamento prioritário terá consequências catastróficas.

Aqui na Ilha Grande, moradores e visitantes possuem - em diferentes graus - a percepção de que o mar e o meio ambiente natural da ilha devem ser protegidos. As belezas naturais daqui são fonte de renda pra quem vive, seja transportando gente de lá para cá, ou se enveredando por outras vocações regionais como a aquicultura de algas marinhas.

E é esse o tema que me traz novamente às páginas do O ECO. Antes já tive a relevante incumbência de treinar e apresentar aos jovens caiçaras da Ilha Grande as práticas e as técnicas do cultivo da macroalga *Kappaphycus alvarezii*. Um seleto grupo destes jovens, hoje já adultos, está conseguindo se profissionalizar e garantir seu "espaço ao sol" como maricultores. A partir de ensinamentos que recebem desde a adolescência, em breve certamente conseguirão se estabelecer como produtores.



Cultivo de Kappaphycus alvarezii em UCAs na Enseada da Camiranga em Setembro de 2021.Fonte: (Acervo privado) Fazenda Marinha Camiranga Ltda.

A expansão da aquicultura de macroalgas em nossa região é evidente, e está cada vez mais suportada pelo interesse global no cultivo destes vegetais aquáticos. Sendo o mar um ativo global, as macroalgas se destacam notadamente como insumo produtivo nas indústrias alimentícia, farmacêutica, cosmética, agrícola e, mais recentemente, consideradas como recurso promissor na produção de biocombustíveis por todo o planeta. Sendo o manejo das águas (e algas!) um atributo regional, em nosso país, as macroalgas ainda são cultivadas por técnicas simples, em pequena escala, por comunidades costeiras, como a nossa na Ilha Grande. Nesse contexto é importante analisar o potencial de produção de bioprodutos a partir da biomassa de macroalgas dessas áreas considerando a dimensão técnica, econômica e socioambiental de cada região com potencial produtivo. Os investimentos neste sentido ainda são escassos ou insuficientes, impedindo que um setor com tamanha importância e potencial socioeconômico permaneça estagnado, causando um estrangulamento enorme entre a produção local, alta demanda por biomassa e sua aplicação industrial. Este cenário gera consequências dantescas, onde terminamos obrigados a importar 40 milhões de dólares anuais somente em carragena, que poderia ser produzida ao longo dos quase 8.000 km de linha litorânea.

É importante relevar que as macroalgas são usadas pela humanidade há muito tempo por terem várias aplicações, principalmente na alimentação humana e animal, cosméticos e fertilizantes. A partir



Maricultor João Henrique Santos separa mudas de Kappaphycus alvarezii para plantio. (Fonte: Acervo Privado - Fazenda Marinha Camiranga Ltda)



Maricultor Athirson Gomes, morador da vila do Abraão) faz manejo de UCA recem "plantada". Fonte: (Acervo Privado) Fazenda Marinha Camiranga Ltda.



Marinheiro/Maricultor Vinícius Alves prepara UCA para manejo no Catamarã de trabalho. (Fonte: Acervo Privado - Fazenda Marinha Camiranga Ltda)

dos anos 2000 foram demonstradas as possibilidades das mesmas na produção de biocombustíveis, isto porque, muitas espécies de macroalgas apresentam excelentes taxas de crescimento e são ricas em carboidratos, que podem ser fermentados. Além disso, o uso de macroalgas como sequestradoras de dióxido de carbono reduz a eutrofização no mar, contribuindo para o equilíbrio do ecossistema marinho, bem como para a mitigação do CO2 atmosférico, reduzindo o efeito estufa no planeta.

Estes vegetais aquáticos estão muito presentes na nossa vida e a cada dia se descobrem novas aplicações para elas, gerando assim um contínuo aumento na demanda por esse tipo de recurso. O cultivo de macroalgas tem sido desenvolvido em diferentes regiões do mundo, sendo fortemente alicerçado nos princípios de sustentabilidade, para atender diversos fatores como: i) a limitação dos bancos naturais de macroalgas frente ao aumento da demanda; ii) o potencial de lucratividade presente na atividade; iii) a busca de trabalho e renda para as comunidades costeiras; iv) o estímulo a projetos de desenvolvimento industrial de países tropicais destinado a geração de emprego e renda nas áreas costeiras com baixo desenvolvimento social e vulnerabilidade ambiental.

Nesse contexto, os desafios assentados no desenvolvimento do cultivo de macroalgas como fonte de biomassa destinada a diferentes usos, inclusive a produção de biocombustível, exige o conhecimento das possíveis dificuldades e oportunidades encontradas na instalação de uma cadeia produtiva.

A estruturação desta cadeia produtiva deve atentar para os impactos socioeconômicos e ambientais, para os custos associados e infraestrutura, bem como para as políticas públicas regulatórias que precisam ser adotadas e os incentivos governamentais para este fim. Torna-se, portanto, de fundamental importância compreender que a promoção da sustentabilidade nesta atividade exige não só viabilidade econômica, mas também viabilidade social, cultural, política e ambiental.

Apenas para ilustrar, falamos de uma atividade que movimenta milhões de dólares por ano, e que liderada pelos países asiáticos, em 2018, atingiu a cifra de USD 13, 3 bilhões (FAO, 2020). No período de 1990 a 2018, a produção mundial de macroalgas com importância econômica aumentou significativamente, saltando dos 3,8 milhões de toneladas em 1990, para 32,4 milhões de toneladas em 2018. Estatisticamente, nesse período, o total de pessoas envolvidas na pesca de captura reduziu de 83% para 68%, enquanto a participação nas atividades de aquicultura passou de 17% para 32% (FAO, 2020).

No Brasil, as macroalgas são cultivadas por técnicas simples, em pequena escala e em comunidades costeiras, mais acentuadamente no Nordeste brasileiro. Nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, observam-se iniciativas de cultivos comerciais envolvendo a *Kappaphycus alvarezi*, como a da fazenda marinha instalada na Enseada da Camiranga, aqui na Ilha Grande. Tal atividade tem potencial para contribuir regionalmente para o desenvolvimento ambiental, social e econômico, e de forma sustentável. Podendo, nesse cenário, promover a geração de emprego e renda através da produção de diversos bioprodutos, como bioetanol, biofertilizantes, cosméticos e carragena. Como já dito em rodas bastante seletas, "uma verdadeira cornucópia de benefícios ambientais".



Autoridades Ambientais do Estado do Rio de Janeiro incluindo o Secretário Estadual de Meio Ambiente, assessores e sub-secretários, Diretores do Instituto Estadual do Ambiente (Inea) incluindo autoridades locais como o chefe do Parque Estadual da Ilha Grande visitam a Fazenda Marinha Camiranga para presenciar em primeira mão os potenciais princípios de utilização das Unidades de Cultivo de Algas (UCAs). Fonte (Acervo Privado) Fazenda Marinha Camiranga Ltda

Muitos outros gêneros de macroalgas também se destacam na produção mundial de produtos economicamente importantes para as indústrias, cerca de 291 espécies são utilizadas com esta finalidade. Um deles, o gênero Gracilaria, pertencente ao grupo de algas vermelhas (Rhodophyta), está distribuído em todas as regiões tropicais do mundo e encontra-se entre os mais produtivos mundialmente (FAO, 2020). Macroalgas deste gênero são importantes produtoras de ágar, sendo a espécie Gracilaria birdiae o tipo de alga vermelha explorada economicamente para extração deste bioproduto no Brasil.



As algas marinhas da espécie Kappaphycus alvarezii produzida na Ilha Grande possui pigmentação variada. (fonte: Acervo Privado - Fazenda Marinha Camiranga Ltda)

As macroalgas têm como um dos seus constituintes predominantes os polissacarídeos, que podem ser hidrolisados em açúcares fermentáveis e destinados a produção de etanol de terceira geração. No que concerne ao emprego dessas macroalgas para a produção de biocombustível, os estudos disponíveis são incipientes. No entanto, corroboram que as macroalgas apresentam um grande potencial de produção para esta finalidade.



Pedro Paulo Vieira (Inventor das Unidades de Cultivo de Algas) demonstra uma das diversas formas de plantio e produção em desenvolvimento na Ilha Grande. (Fonte: Acervo Privado - Fazenda Marinha Camiranga Ltda)

Desta forma, diversos são os fatores que apontam positivamente para o aproveitamento das algas marinhas como insumo à produção de bioprodutos, nos quais se encontram os biocombustíveis, para estes registram-se argumentações favoráveis à sua potencial contribuição à promoção da sustentabilidade, através do reforço à segurança do aprovisionamento energético do país, em bases renováveis, possibilitando assim a redução da dependência nacional no uso dos combustíveis fósseis, e por consequência, mitigando as emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) em diferentes setores da economia. Aqui na Ilha Grande em breve estaremos vivendo num ambiente infestado de fazendas produtoras de algas



Unidades de Cultivos de Alga (UCAs) pioneirismo da Ilha Grande para produção em massa de Kappaphycus alvarezii em locais com grande herbivoria de algas marinhas. (Fonte: Acervo Privado - Fazenda Marinha Camiranga).

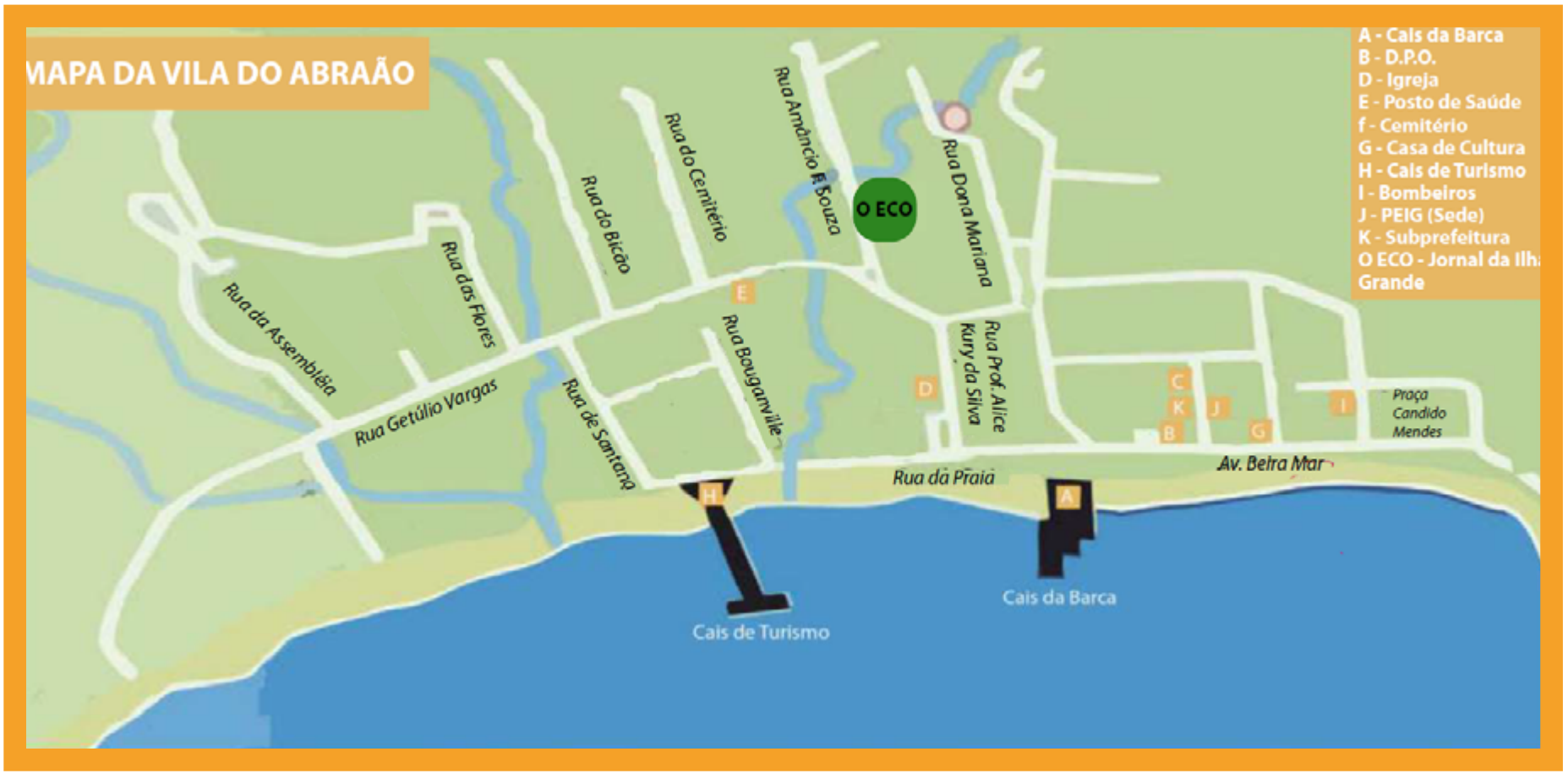


Outros organismos como mexilhões (Perna perna) também podem ser cultivados em sistemas multitróficos de produção em conjunto com algas marinhas. (Fonte: Acervo Privado - Fazenda Marinha Camiranga Ltda)

marinhas, que acarretará naturalmente em oferta de bioprodutos cujo potencial na contribuição à sustentabilidade ambiental, social e econômica será determinante para o desenvolvimento da maricultura e das comunidades caiçaras que habitam esta região.

"Devemos cultivar o mar e cuidar de seus animais, usando os mares como fazendeiros e não como caçadores."
Jacques Yves Cousteau

* Responsável técnico e Diretor da Fazenda Marinha Camiranga Ltda
Pesquisador do Instituto Virtual Internacional de Mudanças Globais (COPPE/UFRJ)



O ECO JORNAL NA COMUNIDADE

A CRÍTICA SEM O CONHECIMENTO DE CAUSA OU POR CONVENIÊNCIA É DESASTROSA

“Não somos um lugar qualquer, somos área de turismo, pense nisso”! É o pão nosso de cada dia!

Mês passado falamos sobre os grupos que desagregam a comunidade em Abrão, com grande peso nas questões culturais. A cultura pesa mais que a educação neste lugar. Já tentamos conscientizar, que é educara, de todas as formas, mas a contramão do correto persiste e piorando.

Neste mesmo sentido decorrem as críticas, a todos os que fazem e que seu grupo não é capaz de fazer. Quase sempre sem conhecimento de causa, pois o conhecimento surge nas discussões dos fatos, dentro do próprio grupo, portanto, em círculo vicioso que nada muda. “São paus mandados” por incapazes (pseudos) em estilo bizarro. – Grego-latino: pseudo é falso. São sempre críticas tendenciosas tendo como escopo a conveniência, não o interesse coletivo. O mais inconveniente é que formam tese de qualquer ideia sem fundamento (teria inúmeros exemplos a citar).

As críticas são quase totalidade, contra a Prefeitura, que embora tenhas seus pecados a pagar, nem sempre merece a culpa. Uma substancial parte também é dedicada a grupos rivais. – “Aqui estudos científicos comprovam, que 1 pão francês tem mais miolo que muita gente (humor)”. Fazem forte crítica à Prefeitura em relação a coleta de lixo, entretanto observo que às 6h da manhã o pessoal da limpeza já está agindo, ressaltando ainda, com bom humor, dando bom dia a quem passa. A coleta é feita diariamente, com hora definida para cada rua e regras para colocação do lixo em frente ao portão. Então eu pergunto ao povo de poco miolo: qual o lugar que existe um trabalho assim? Acredito que nem em Gramado – RS, que é uma cidade padrão aconteça assim.

A sujeira que decorre do lixo, devemos a um substancial número de “porcos” que vivem aqui e não cumprem as normas. Depois que o caminhão passou com a coleta, aí colocam seu lixo no portão. Donos de restaurantes preguiçosos e com pouca vontade de levantar-se cedo, colocam seu lixo na rua à noite, daí decorre que cães e urubus fazem seu banquete, sujando toda a calçada. Se a coleta vai mal, devemos nos culpar como sociedade que não zela pelo seu lugar. Esta é a realidade.

Outra crítica infundada é a do atendimento médico no Abraão. Eu uso o atendimento médico aqui e como jornal, faço uma análise crítica do que vejo, mas sempre observei que o atendimento é a nível dos melhores países europeus. Remédios gratuitos, simpatia de quem atende, boa vontade de explicar ao paciente qual a melhor maneira de resolver seu problema. Enfim me apontem um lugar melhor que este? Quantos foram curados aqui da covid-19, sem sair de casa? Eu mesmo fui um deles. No caso do acidente do Adriano, permaneceu no posto para os primeiros socorros e em tempo recordem, de helicóptero, já estava no Rio em hospital especializado. Será que no dito primeiro mundo seria melhor? Vamos filtrar a crítica para errar menos.

Naquilo que a Prefeitura peca, que é fiscalização e postura, poucos criticam, porque se beneficiam disso. Isto não é ser porco, é ser desonesto!

O que falta hoje no Abraão, é nós fazermos a nossa parte, como se fazia no passado. Nós éramos duros nas discussões e exigentes no cumprimento às leis e as regras e com conhecimento de causa suficientemente forte, para não sermos contestadas pelos atores responsáveis. Tínhamos sucesso.

Hoje somos grupos em desacordo que discutem sem saber por que, onde até o obvio entra em desacordo. Temos que nos educar e trabalharmos em conjunto, tudo ficará melhor. Para os restaurantes que praticam a colocação do lixo fora do horário, precisamos compará-los às hienas pelas suas práticas nojentas. Mas, economizam o pagamento de um funcionário para fazê-lo. O pessoal encarregado da limpeza, não suporta mais este desrespeito ao todo. Eles têm trabalho dobrado, para catar a bagunça feitas pelos animais de rua, produzida pela irreverência dos donos de restaurantes.

Temos que mudar!!!!

HUMOR: Hienas em palestra discutindo como economizar dinheiro na hora de dar destino ao lixo. Falaram também da higienização bucal, mas sem resultado algum. O sujo tem mais sabor de nojo. Enfim hienas! Não é?





N. Palma – O Eco Jornal.

INEA TEM 5 DIAS PARA INFORMAR SOBRE IRREGULARIDADES DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL DO TEBIG QUE AMEAÇA A PESCA E A VIDA MARINHA NAS BAÍAS DA ILHA GRANDE E DE SEPETIBA

TEBIG provocou 2 desastres ambientais em 2015 e petroleira norueguesa EQUINOR quer excluir as baías dos obrigatórios planos de emergência em caso de vazamento de óleo no mar

Por Baia Viva

Por determinação do Defensor João Helvécio de Carvalho do 2º Núcleo de Tutela Coletiva da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro (em anexo), o Instituto estadual do Ambiente (INEA) órgão da Secretaria de Estado do Ambiente e Sustentabilidade (SEAS) terá o prazo de apenas 5 dias para prestar informações em investigação requerida por representação do Movimento Baía Viva protocolada em 24 de setembro de 2021 junto às seguintes autoridades públicas: Defensor Federal Thales Arcoverde Treiger, titular da área de Direitos Humanos da Defensoria Pública da União (DPU); Defensor Público João Helvécio de Carvalho do 2º Núcleo Regional de Tutela Coletiva da Defensoria Pública do Rio de Janeiro (DPRJ); Defensor André Lopes Bernardes, Defensor Público Titular do Núcleo de Primeiro Atendimento Cível de Angra dos Reis e Coordenador da Região e Guilherme Pimentel, Ouvidor Geral da Defensoria Pública do RJ.

A notificação feita pela Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro (DPRJ) à Superintendência Regional Baía da Ilha Grande do INEA foi feita ontem (27/09/2021) e visa investigar à luz do no art. 5º da Lei nº 7.347/1985 e art. 4º, VII e X, 44, X e 128, X, da Lei Complementar nº 80/1994, que trata da aplicação do instrumento da Ação Civil Pública quando ocorre violações dos interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos e para a proteção e defesa dos direitos de grupo de pessoas vulneráveis e a promoção dos direitos humanos e da defesa dos direitos individuais e coletivos, como as comunidades tradicionais como pescadores, caiçaras, quilombos e povos indígenas que vivem nas bacias hidrográficas das baías de Sepetiba e da Ilha Grande, ecossistemas com rica biodiversidade protegidos pela Constituição do Estado-RJ por seu valor ecológico, que correm sérios riscos da ocorrência de novos desastres ambientais pela implantação de 2 mega empreendimentos da indústria petroleira, a saber: a petroleira Norueguesa EQUINOR BRASIL ENERGIA LTDA. e o Terminal de Angra dos Reis / Terminal Aquaviário Angra dos Reis (TEBIG/TAAR) operado pela TRANSPETRO (Petrobras Transporte S.A).

A DPRJ afirma no Ofício de n.º: 187/2021 (ema anexo) que:

"CONSIDERANDO que as atividades serão exercidas pela TRANSPETRO, que pretende ampliar o TEBIG/TAAR (Terminal Aquaviário de Angra dos Reis) para recepção e armazenamento de petróleo e derivados, e pela petroleira Norueguesa EQUINOR Brasil Energia LTDA, que visa a exploração do Pré-Sal na Bacia de Santos, com o objetivo do de transportar o petróleo por meio da Baía de Guanabara;

CONSIDERANDO que em 08/04/2016 foi firmado o TAC entre o INEA e a TRANSPETRO, que vedou a operação ship to ship nas áreas localizadas no interior da Baía de Ilha Grande e Sepetiba, devido ao desastre ambiental ocorrido no ano de 2015;

CONSIDERANDO a possibilidade de concessão de licenciamento ambiental para ampliação das atividades da TRANSPETRO, na mesma área em que ocorreu o desastre ambiental, o que havia sido vedado no TAC; CONSIDERANDO que as baías da Ilha Grande e da Guanabara são Áreas de Preservação Permanente e de Relevante Interesse Ecológico, comportando rica fauna e flora;

CONSIDERANDO a necessidade de proteção dos povos tradicionais, como indígenas, quilombolas, pescadores e caiçaras, pois a degradação ambiental também ocasiona prejuízo à saúde e às atividades econômicas;

Perante o exposto, REQUISITAM-SE as seguintes informações, no prazo de até 05 (cinco) dias, a contar do recebimento por e-mail deste ofício:

a) Se foi conferido licenciamento ambiental para o projeto de ampliação da TRANSPETRO e para a operação da EQUINOR. Caso tenha sido concedido, requer informações sobre a eficácia atual do TAC, se há ou não vedação ao novo licenciamento;

b) Considerando o art. 6º, I, "c" da Resolução CONAMA nº:01/86, quais registros no Estudo de Impacto Ambiental sobre as comunidades tradicionais, tendo em vista a relação de dependência com os recursos ambientais;

c) Explicitar se os empreendedores apresentaram os impactos das atividades no viés social, a fim de que sejam protegidos os direitos das

comunidades locais e se houve consulta prévia aos povos tradicionais;

d) Em qual etapa se encontra o processo de licenciamento das referidas empresas;"

O Movimento Baía Viva, é um coletivo socioambiental e pluriétnico com mais de 20 anos de atuação na proteção e salvaguarda das baías fluminenses (de Guanabara, Sepetiba e da Ilha Grande) e na defesa dos direitos das Comunidades Tradicionais, que desde 2018 tem solicitado aos Ministérios Público Federal e Estadual uma Moratória dos novos licenciamentos ambientais de grande porte e magnitude e que apresentam elevado potencial poluidor e de risco ambiental nas 3 baías do estado.

A denúncia feita à DPU e DPRJ hoje à tarde aponta a existência de graves violações de direitos de Populações Tradicionais que são protegidos pela Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e a CF 1988 e solicita a apuração de indícios de diversas irregularidades e ilegalidades em processos de licenciamento ambiental a cargo do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) no caso da Atividade de Produção do Campo de Bacalhau da petroleira Norueguesa EQUINOR BRASIL ENERGIA LTDA. que faz parte da Etapa 4 do Pré-Sal (Processo nº: 02001.003700-2019-90) que estaria tentando adotar ao arrepio das leis ambientais nacionais e acordos internacionais, em pleno no Território Marinho brasileiro, a ilegal prática de "DUPLO PADRÃO TECNOLÓGICO" bastante diferenciado e mais frágil e vulnerável do que as medidas de Precaução e de Segurança Ambiental que a empresa é obrigada a utilizar em seus empreendimentos na Europa, o que se coloca em contradição com as próprias normas ambientais determinadas pela Comunidade Econômica Europeia e o Parlamento Europeu para a atuação das suas corporações!

O outro mega empreendimento sob investigação de fraude é o processo de licenciamento do polêmico projeto de ampliação do Terminal de Angra dos Reis / Terminal Aquaviário Angra dos Reis (TEBIG/TAAR) operado pela TRANSPETRO (Petrobras Transporte S.A), de responsabilidade do Instituto Estadual do Ambiente (INEA-RJ) órgão da Secretaria de Estado do Ambiente e da Sustentabilidade (SEAS), onde em 2015 ocorreu 2 grandes vazamentos de óleo provocados pela perigosa e insegura operação "SHIP TO SHIP" (transbordo de combustíveis e produtos químicos e óleo entre navios petroleiros). Segundo dados do diagnóstico de vazamento de óleo elaborado pelo Estado do Rio de Janeiro, pela própria Secretaria de Estado do Ambiente (SEA) e pelo INEA, o óleo que foi dispersado no acidente de 10 de abril de 2015 atingiu uma área de 450 km^2 na Baía da Ilha Grande e na Baía de Sepetiba, contaminando 4% do terreno da Área de Proteção Ambiental de Tamoios (APA Tamoios), administrada pelo INEA, e o óleo atingiu o espelho d'água afetando diretamente as comunidades planctônicas e nectônicas e a comunidade de botos-cinza (Sotalia guianensis), que faz parte da lista oficial de espécies em extinção, foi uma das mais prejudicadas.

À época dos 2 derramamentos de óleo no Terminal TEBIG as operações "SHIP TO SHIP" foram proibidas por determinação do MP Federal nas águas interiores das baías de Sepetiba e da Ilha Grande e um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) chegou a ser firmado entre o INEA-RJ e a empresa. Porém agora, descumprindo recomendações técnicas e legais que apontam um elevado grau de criticidade destes ecossistemas marinhos e costeiros, o órgão ambiental estadual pretende legalizar esta atividade de elevado grau de risco ambiental e potencial poluidor.

No final de agosto, duas manifestações subscritas por dezenas de organizações e comunidades tradicionais que foram encaminhadas ao IBAMA, Ministério Público Federal – São Paulo e Rio de Janeiro, Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro e do Estado de São Paulo e as Defensorias Públicas da União em São Paulo e no Rio de Janeiro. Também houve manifestação oficial por escrito aos órgãos ambientais e também ao Consulado da Noruega através de documentos assinados pelo atual Prefeito de Itaguaí, Rubem Vieira de Souza, e o Secretário Municipal de Agricultura e Pesca, Carlos Kifer, onde apontaram diversas irregularidades no processo de licenciamento ambiental, além de alertar para os riscos e impactos sobre o patrimônio ambiental e a pesca; além de terem denunciado a equivocada exclusão de Itaguaí da Área de Influência da Atividade de Produção do Campo de Bacalhau, o que se mantido manteria desprotegido de medidas de segurança ambiental as belas e biodiversas baías de Sepetiba e da Ilha Grande.

Em abril de 2021, a Prefeitura de Itaguaí chegou a interditar temporariamente o terminal de exportação de minério de ferro da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e Porto Sepetiba-TECON, de contêineres, citando "diversas irregularidades ambientais" e aplicou multas milionárias nas empresas poluidoras.

Anteriormente, em Janeiro de 2018, o MPF do Rio de Janeiro e de Angra dos Reis já haviam determinado à Comissão Estadual de Controle Ambiental (CECA), à Secretaria de Estado do Ambiente e à Companhia Portuária Baía de Sepetiba (CPBS) a suspensão da dragagem da Vale S/A num volume de 1.837.421 m^3 do fundo da Baía de Sepetiba. No local, entre os meses de novembro de 2017 e janeiro de 2018, ocorreu um surto de morbilivirose entre os cetáceos, que resultou na mortandade de mais de 170 (cento e setenta) botos-cinza nas Baías de Sepetiba e Ilha Grande, com graves impactos sobre a reprodução desta espécie. O empreendimento, previa a realização de obras de expansão do terminal de contêineres Sepetiba TECON, com previsão de prolongamento do cais existente, dragagem da bacia de evolução num volume de 6,15 milhões de metros cúbicos

de sedimentos e construção de viaduto para ligação das Áreas 1 e 2.

Em 20/01/2000, uma tragédia ambiental se abateu sobre a Baía de Guanabara em função de rompimento do duto que liga a Refinaria Duque de Caxias (REDUC) ao Terminal da Ilha D'Água provocando o derramamento de 1,3 milhão de litros de óleo cuja mancha se estendeu por mais de 50 km de extensão poluindo e contaminando áreas de manguezais, territórios pesqueiros, praias e rios. Estima-se que o desastre ambiental provocado à época pela PETROBRAS resultou na redução estimada de 90% da produção pesqueira na Baía de Guanabara e, como consequência, nos últimos 20 anos as comunidades pesqueiras passam por um forte processo de empobrecimento e desmantelamento cultural. Muitas famílias passam por insegurança alimentar e fome, muitas delas estando entre as famílias que atualmente vivem na extrema pobreza.

Para o ecologista Sérgio Ricardo, um dos cofundadores do Baía Viva nos anos 1990: *"A atual saturação industrial das baías fluminenses tem afetado diretamente a capacidade de suporte ou capacidade de carga destes ecossistemas costeiros e marinhos ambientalmente sensíveis, o que tem provocado o "sacrifício ambiental" de nossas baías e a ameaça de extinção da tradicional pesca artesanal e de espécies marinhas, como o boto-cinza que é o símbolo ecológico do Rio de Janeiro."*

Também tramitam nos Ministérios Públicos Federal e Estadual três (3) Representações de autoria do Baía Viva datadas de 12/12/2018; de 24/02/2021 e de 13/09/2021 com informações técnicas que embasam o pedido de "MORATÓRIA NOS LICENCIAMENTOS AMBIENTAIS NAS BAÍAS DE GUANABARA E SEPETIBA PARA EVITAR QUE REINDUSTRIALIZAÇÃO PROVOQUE A EXTINÇÃO DA PESCA ARTESANAL E DA BIODIVERSIDADE MARINHA", assim como com vídeos que comprovam por ex. a continuidade da ocorrência de poluição e contaminação ambiental provocada pelo manuseio inadequado e irregular de produtos como Minério de Ferro no mega empreendimento Porto Sudeste, instalado na Ilha da Madeira, em Itaguaí (RJ), que vem poluindo o ecossistema da Baía de Sepetiba. Ver links no Instagram do Baía Viva:

Link 1: https://www.instagram.com/p/CLryk4vJ2ln/

Link 2: https://www.instagram.com/p/CLrzQKLpfHQ/

Preocupados com a vulnerabilidade dos ecossistemas marinhos e costeiros do litoral fluminense, no início de 2020, o Movimento Baía Viva propôs à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), o Projeto de Lei 1941/20 que tem por objetivo proibir as inseguras operações "SHIP TO SHIP" no interior das baías de Guanabara, Sepetiba e da Ilha Grande. Atualmente, a tramitação deste PL encontra-se engavetado na ALERJ por pressão (lobby) das grandes petroleiras sobre parlamentares de diversos partidos. Diante desse cenário, o Movimento Baía Viva lançou a Campanha "DESENGAVETA, ALERJ!", pela aprovação do PL 1941/2020, que busca salvaguardar as três baías fluminenses do desastre por transbordo de óleo entre navios petroleiros!

Como parte desta mobilização, em 7 de outubro de 2020 o Baia Viva e a Coalizão PACTO PELO MAR – Municípios Fluminenses, formada por cerca de 100 organizações da sociedade civil, entidades de pesca, pesquisadores/as, enviaram ao presidente da ALERJ, o Deputado André Ceciliano, uma carta solicitando que o Projeto de lei 4191/2020 seja colocado em votação. Segue o teor da carta de 07/10/2021: https://baiaviva.com/carta-cobrando-a-votacao-do-pl-1941-2020/

Mais informações: Sérgio Ricardo (Baía Viva)
Tel: (21) 99734-8088 (WhatsApp)
Site: www.baiaviva.com

NÓS APOIAMOS QUEM DEFENDE:

- a democracia e o nacionalismo na organização social do país;
- a família como célula de educação;
- a fé de todos os credos;
- o respeito às diversidades;
- a preservação ao meio ambiente;
- a ética nas discussões e o respeito ao pensamento oposto. "Não concordar é um direito do pensamento".
- Não apoiamos ideologia político-partidária nos estabelecimentos de ensino em todos os níveis.

Entendemos que estes são princípios básicos para uma organização social sem guerra ideológica e por consequência harmônica, produtiva e feliz.

O Eco Jornal



Informamos que devido ao acidente sofrido com o Mestre Adriano, estamos nos reorganizando para dar continuidade ao projeto.

Estamos torcendo para sua pronta recuperação e em breve estaremos juntos trabalhando para a cultura da Costa Verde.

Força guerreiro!

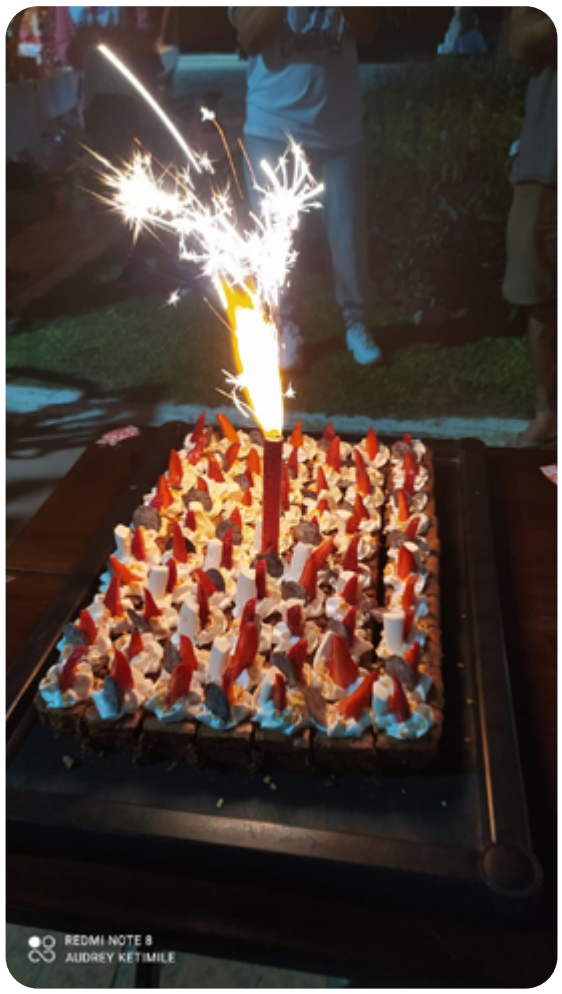


FEIRA DA ECONOMIA CRIATIVA COMEMORA 1 ANO

Por Audrey Ketimile

Dia 11 de setembro deste ano, a Feira da Economia Criativa completou um ano de existência. Um ano de um sonho realizado com muito empenho, dedicação e comprometimento. Esse sonho começou lá em 2019, quando a AMA foi convidada para fazer um levantamento de artesãos locais junto com a Feira Musa Paradisíaca (que iria ter uma edição aqui na Vila do Abraão e gostaria da participação de produtores locais). A partir daí a Associação dos Moradores do Abraão (AMA), começou a pensar numa maneira de termos nossa própria Feira, com produtos produzidos pelos próprios expositores, mas aí veio o verão e com a correria do mesmo, achamos melhor esperar pra dar continuidade após o carnaval. O carnaval passou e começamos a pensar num projeto, mas aí veio a pandemia e tudo congelou por aqui. Durante os primeiros meses de pandemia e quarentena, observamos de fato que a feira seria uma válvula de escape pra muitas pessoas que se viram sem perspectiva alguma de renda durante esse período, pessoas que começaram a produzir produtos pra vender de porta em porta, pessoas que produziam só pra passar o tempo e desestressar, pessoas que aprenderam a produzir algo pra se ocuparem, pessoas que tiveram sua criatividade aguçada pela falta de oportunidades momentâneas, enfim, as pessoas estavam produzindo muitas coisas nas áreas de artesanato e culinária e aí estava a oportunidade concreta de levarmos nosso projeto à diante. A diretoria da AMA, então, começou a ver a possibilidade de todo esse sonho que estava num papel se tornar realidade. O sonho se realizou e de forma fenomenal. Durante todo esse







processo, tivemos muitos apoiadores e incentivadores que sempre apoiaram e acreditaram na Feira. Nossos agradecimentos vão para toda diretoria da AMA, que foi quem criou esse projeto lindo; para a Secretaria Executiva da Ilha Grande, em especial ao secretário Carlos Kazuo, que sempre acreditou nesse projeto e nos deu a oportunidade de ser realizado; à Equipe da CT do Abraão, que sempre nos ajudou com a logística de funcionamento da Feira; ao comércio local, que abraçou a feira com muito carinho; à Igreja Matriz de São Sebastião, que permitiu que a feira ocupasse a pracinha e se juntasse a ela nas festividades locais; à Secretaria de Cultura, que nos apoia e dá dicas pra crescermos cada vez mais; à curadoria da Feira, que sempre se empenhou na organização dos expositores, em especial à Paula Paez e ao Sebastian que continuam na luta até hoje; aos expositores da feira, aos que passaram por ela e aos que ainda permanecem, porque sem eles a feira não existiria; e agora e não menos importante, à Liga Cultural Afro Brasileira, que depois do encerramento da AMA, aceitou esse projeto de braços abertos.

Nosso desejo é que tenhamos ainda muitos anos para comemorarmos vários aniversários da Feira da Economia Criativa, e que esse projeto cresça cada vez mais...

Muito obrigada por tanto!!!



Jogos e Bricadeiras da cultura caiçara Você conhece?

Jogos interativos elaborados pelo Centro Multimídia do Ecomuseu Ilha Grande

Jogos e Brincadeiras da Cultura Caiçara. Você conhece? - Imprimir Caça Palavras

Jogos e Brincadeiras da Cultura Caiçara. Você conhece?

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, com palavras ao contrário.

F	S	F	A	K	W	D	D	S	H	D	H	E	B	N	H	I	A	D	N	A	N
E	I	W	E	B	E	E	E	G	Y	T	C	A	R	U	H	T	A	B	B	E	K
L	F	A	O	O	T	N	K	G	A	N	C	H	O	F	N	E	E	O	W	L	T
O	U	A	A	S	T	M	D	U	A	T	E	N	L	E	R	H	O	R	S	O	M
I	M	O	E	E	L	T	S	N	T	O	A	A	U	P	E	A	K	C	O	L	A
E	O	N	C	D	M	A	Y	W	M	B	I	O	A	U	M	D	H	E	R	I	H
W	O	R	O	U	U	S	E	T	Ã	R	N	R	M	V	E	T	P	N	S	S	O
I	T	P	E	O	O	S	D	S	O	E	E	O	S	E	U	N	E	R	R	E	E
I	A	U	H	Y	T	T	T	R	C	H	O	C	S	U	E	S	H	W	E	H	H
E	P	H	D	T	E	Y	S	O	H	R	A	A	N	T	U	E	E	T	O	B	H
E	E	H	N	O	N	R	O	F	E	D	A	C	O	B	D	E	U	N	L	F	S
S	D	H	H	R	A	S	E	T	I	Y	E	L	G	K	N	E	T	E	W	X	A
B	O	N	E	C	A	D	E	P	A	N	O	O	A	F	E	C	S	W	G	T	L
C	C	A	F	H	M	W	H	I	S	P	S	Y	O	I	M	D	F	T	L	B	C
A	I	W	D	E	Y	R	E	E	A	C	H	S	H	M	I	F	U	T	P	N	M
E	B	T	B	I	O	U	D	P	I	A	M	E	A	O	Y	H	R	E	R	N	E

BICODEPATO
BOCADEFORNO

BONECADEPANO
COROANHA

GANCHO
MÃOCHEIA

RALA



No dia 12 de Outubro é comemorado o Dia das Crianças.

TEXTO

CENSURADO E UNDERGROUND, CINEASTA ARON FELDMAN TEM TRAJETÓRIA RESGATADA EM LIVRO

Por Naief Haddad, de Folhapress



Aron Feldman durante as filmagens de 'Anônimo Jr.', nos anos 70. Foto: Claudio Feldman/Acervo pessoal

Com uma câmera na mão, meia dúzia de ideias na cabeça, e quase nenhum dinheiro Aron Feldman conseguiu uma façanha em 1972.

Seu primeiro longa, "O Mundo de Anônimo Jr.", foi tolhido pela ditadura militar em duas instancias. Primeiro, o departamento de censura determinou o corte de duas cenas. Até aí, vá lá, a produção de Feldman ainda poderia chegar às salas de exibição. Mas o golpe veio de uma comissão do Instituto Nacional de Cinema, que proibiu o filme de entrara em cartaz em circuito comercial. O motivo? Precariedade, disseram os burocratas.

Figuras influentes do cinema brasileiro chiaram. O infortúnio teve em todo caso o mérito sublinhar mais uma vez o alheamento e ignorância da comissão carioca que se responsabilizou pela marginalização de "Anônimo Jr.", escreveu o crítico Paulo Emilio Gomes.

Assim, o filme mais comentado de Feldman, diretor de família judaica, se restringiu à projeção em cineclubes e pequenos espaços culturais, especialmente em Santo André, na grande São Paulo. Poucos puderam ver em tela grande o delírio e o deboche da saga de Anônimo Jr., rapaz que foge do manicômio para mora num cemitério, onde tem casos amorosos e bate papo cm um camundongo.

Nascido em 1919 na pequena cidade gaúcha de Quatro Irmãos, Feldman sempre vive de vender coisas, de tecidos a moveis, como conta Claudio Feldman, filho do diretor e autor do livro recém lançado "Aron Feldman – Cinema nas veias". Boa parte do dinheiro conquistado no comercio ia para a produção de baixíssimo orçamento, que só eram concluídas graças a persistência de um autodidata.

Cláudio, aliás, fala do pai como um " homem-equipe", que quase sempre conciliava a produção, a direção, a câmera, o som e montagem dos filmes.

""Eu faço filmes à margem dos marginais.", disse Feldman, num vídeo em sua homenagem. "O pessoal do cinema marginal nunca aceitou meu pai. Até pelo fato de ser do ABC, meu pai frequentava pouco a Boca do Lixo, não era da patota", afirma Cláudio.

Quando morreu, em 1993, Feldman contabilizava 22 filmes, de "Pinceladas", de 1958, a "Afogados", de 1993. Filmou especialmente curtas, mas fez também alguns longas e médias. Ele se arriscou na ficção e no documentário e transitou por diversos formatos, super-8, 16 milímetros, 32 milímetros e VHS.

Críticos classificaram seu cinema como "alucinado", "estranho", "maldito", "neorrealista" e "naïf", e se referiram a ele como "artesão marginal" e o "patriarca do cinema do ABC". Segundo o autor do livro, Feldman foi, sim, tudo isso. "Mas, no fim das contas, o mais exato é dizer que ele foi um amante do cinema."

"Meu pai [Aron] gostava dos diretores do neorrealismo, como Fellini e Visconti nos seus primeiros filmes, De Sica. Depois ele conheceu Buñuel, que influenciou muito o humor negro e o sarcasmo em 'Anônimo Jr.'", afirma Cláudio.

Feldman foi tema de mostras no Centro Cultural São Paulo, em 1988, e no Centro Cultural Banco do Brasil, em 2008, ambos em São Paulo, e alguns dos seus filmes se destacaram em festivais, como o curta documental "Casqueiro", de 1966, e o longa de ficção "A Odisseia de um Cadáver", de 1988.

Segundo Cláudio, seu pai representava "o outro lado do cinema do ABC", a vertente modesta e alternativa em contraponto à Vera Cruz, estúdio de São Bernardo do Campo que se dedicou a produções comerciais nos anos 1940 e 1950. "Mariana, Paraná e Greve", de 1984, por exemplo, é um registro curioso das lutas sindicais em Diadema.

Feldman "transformava sucatas em joias", diz Cláudio, afirmação que talvez traduza mais o orgulho que o filho sente do pai e menos a realidade. Suas tramas se revelam, muitas vezes, ingênuas demais, e algumas interpretações se perdem na caricatura –por falta de dinheiro, ele costumava trabalhar com elencos amadores.

Feldman, porém, deixou achados cômicos, como se vê no protagonista chapliniano de "Anônimo Jr.", e demonstrou sensibilidade para questões sociais, caso dos curtas sobre os operários do ABC. Por isso, ao contrário do que pensavam os burocratas da ditadura, seus filmes merecem ser vistos. Alguns deles estão no YouTube.

"Aron Feldman - Cinema Nas Veias"

Quando: lançamento em live na sex.(18), às 14h30, com participação dos filhos de Aron Feldman, Cláudio (autor do livro), Ida e Sérgio

Onde: Canal do YouTube da UFABC - https://www.youtube.com/user/ufabcvideos

Preço: R$ 35 mais o frete - livro pode ser encomendado pelo WhatsApp (11) 98797-3065

Autor: Cláudio Feldman

Editora: Bartira (184 págs.)

TEXTO

BARÃO HIRSCH – O JUDEU DE QUATRO IRMÃOS

Por Marcos Castro

A vida no leste da Europa no final do século 19 e a pacata e calma rotina dos moradores nativos dos confins da América Latina será medida por atitudes corajosas e exemplos de vida de milhares de família, retratadas no longa metragem "Barão Hirsch – o Judeu de Quatro Irmãos", do cineasta gaúcho Osnei de Lima, diretor consagrado com mais de 50 obras no currículo.

O drama gira em torno da perseguição aos judeus no Leste da Europa e o farol que indicava a saída para uma vida melhor na distante América. A luz que sinalizava para uma terra à vista civilizada, no entanto, desconhecida, alimentava o sonho de encontrar um lugar possível de viver sem a espada da perseguição sobre as cabeças e sem a necessidade de esconder a origem e crenças.

O personagem central do filme é Barão Hirsch – Maurice von Hirsch -, magnata da construção de ferrovias na Europa e filantropo reconhecido, um homem iluminado que decidiu ajudar aos seus irmãos judeus, criando condições para que saíssem dos lugares onde viviam perseguidos – na Rússia pela polícia czarista homofóbica – e em outros países pela simples condição de que eram judeus.

É bíblica a informação de que os judeus viveram sempre sob a inspiração de um grande líder, desde Abraão, que os conduzia com segurança nos momentos mais difíceis. Barão Hirsch, chamado de "Moisés das Américas", esteve entre os maiorais, no século 19. A ideia de criar uma organização capaz de congregar, preparar e encaminhar judeus para um país que os recebesse com respeito e dignidade, se materializou na Jewish Colonization Association (JCA) ou (ICA), fundada em 11 de setembro de 1891.

O filme de Osnei de Lima (foto ao lado) trabalha com todos esses cenários da segunda metade do século 19 e o desembarque de um grupo formado por centenas de famílias na Fazenda Quatro Irmãos, então distrito do Município de Passo Fundo. Os pioneiros judeus chegaram para um recomeço de vida em paz na região agreste do Planalto Médio do RS, onde habitavam nativos caboclos originários da miscigenação dos portugueses que chegaram com o império de D. João, em 1808 e os índios, primitivos habitantes da região, e os descendentes de escravos fugitivos das fazendas do sul do Rio Grande.



Personagem de Barão Hirsch, Ricardo Salomoni

Se, de um lado os judeus, a partir de 1911, trouxeram o que havia de mais moderno na Europa e seus lendários costumes bíblicos, de outro encontravam o trabalho na terra, em moradias isoladas, numa



Osnei de Lima, cineasta e roteirsta do filme e Daniele Vasconcelos, atriz principal

região desconhecida e de vida absolutamente primitiva, num período de muitos conflitos internos no país. Por certo, foi um choque muito grande para eles. No entanto, lidar com a terra e dela retirar o sustento para a família e viver em sociedade com as demais etnias, era a filosofia defendida pelo Barão, quando decidiu investir no apoio à mudança de ares daqueles que viviam oprimidos.

Barão Hirsch, que não conheceu Quatro Irmãos – ele faleceu em 1896 e sua esposa Baronesa Clara von Hirsch em 1899 – defendeu o pensamento que os judeus, que haviam sido forçados a sair da Palestina, cerca de 600 anos atrás, não necessitavam ter um país só deles, mas poderiam morar num país onde vivessem em paz, sem perseguições, integrados naturalmente com povos de outras etnias.

O filme "Barão Hirsch – o Judeu de Quatro Irmãos", tem como objetivo trazer para os dais atuais como viviam os judeus e como se adaptaram em Quatro Irmãos vivendo da atividade agropastoril e se entrosando socialmente com as comunidades vizinhas. Mostra cenários dos conflitos políticos do RS no início do século 20, a vida longe da





Europa onde ficaram os parentes e amigos, que tiveram de enfrentar duas violentas guerras com poucos anos de diferença entre uma e outra.

É um drama com um pouco mais de 100 minutos com muita emoção do início ao fim. Cenas gravadas em cenários de rara beleza primitiva, sinalizarão para uma viagem no tempo onde encontrarão vítimas e heróis anônimos. E, um elenco formado de profissionais e voluntários entregues ao mister de representar movidos pela alma e o coração. Os sets das filmagens foram montados na Fazenda Agranionik, Fazenda Velha dos Pereira, no Polígono D, na propriedade de Martin Khon, no Norte do município e na Cachoeira do Memorial dos Palma, próximo à cidade de Quatro Irmãos.

Os quatro dias de gravações em Quatro Irmãos, apontam para uma obra carregada de emoções e ações até então desconhecidas, extraídas pelo competente cineasta Osnei de Lima e o olhar criterioso do cinegrafista e jornalista Roberto Hachmann.

"Barão Hirsch – o Judeu de Quatro Irmãos' - é uma viagem ao desconhecido diálogo entre o primitivo e o desenvolvimento da humanidade na metade do século sacudido pela Revolução Industrial. O personagem central, que nunca esteve em Quatro Irmãos, mas que tem sua marca a fogo numa das páginas do livro do tempo da comunidade hoje Município de Quatro Irmãos, pode ser visto nas famílias judias que ainda moram aqui, eles que seus ancestrais chegaram em 1911, e vivem da agropecuária como Barão Hirsch, criou no seu pensamento e fez mover seu senso de humanidade na busca de um lugar para ver seus irmãos judeus felizes e em paz.

O Barão é uma lenda entre os descendentes das famílias que se instalaram em Quatro Irmãos nas áreas da Vila Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch, e Rio Padre. Seu nome surge sempre que alguém pergunta de onde vieram e quem foi o responsável pela organização da viagem e a disponibilidade das terras.

Quatro Irmãos, para muitos foi o trecho final da viagem a caminho da Terra Prometida, alcançada com a criação do Estado de Israel, em 1948. Muitos jovens nascidos aqui foram para Israel e jamais voltaram, ficando apenas à lembrança. O filme trata dessa epopeia de pessoas, fatos e lendas.





Elenco e réplica da estação ferroviária

TEXTO

AJUDAS PARA COMBATER “FAKE NEWS”

Por Local das Testemunhas de Jeová

Notícias enganosas, relatórios falsos, teorias da conspiração — você consegue identifi- car uma “fake news”? Em meio à prevenção ao coronavírus, o mundo vive outra pan- demia paralela: a da desinformação. O diretor sênior de Segurança Alimentar e Nutrici- onal para a ONU, Sridhar Dharmapuri, declarou: “Checar uma informação tornou-se tão importante quanto lavar as mãos.”

A circulação de notícias falsas levanta dúvidas sobre fontes de informações confiáveis, leva as pessoas a rejeitar orientações de saúde e segurança e promove o preconceito e a violência. Não existe uma vacina contra o “vírus” da desinformação, mas algumas per- guntas podem ajudar você a identificar e a se proteger de notícias falsas:

1. Não acredite em tudo o que você vê ou ouve

‘Será que essa notícia é verdadeira, ou é apenas um “meme”?’

2. Avalie a fonte e o conteúdo

‘Será que a notícia apresenta opiniões como se fossem fatos ou conta apenas um lado da história?’

3. Seja guiado pelos fatos, e não por suas preferências

‘Será que eu confio nessa informação só porque ela diz o que eu quero acredi- tar?’

4. Interrompa a circulação de desinformação

‘Eu tenho certeza de que essa informação é verdadeira para poder compartilhar com outros?’

Veja o artigo completo no JW.ORG, site oficial das Testemunhas de Jeová: Como se proteger de informações falsas.

O conteúdo, que é totalmente gratuito, apresenta versículos da Bíblia que dão conselhos práticos sobre o assunto e nos ajudam a lidar com os problemas atuais com clareza e esperança.

Contato: Fabio Aguiar, Porta-voz Local das Testemunhas de Jeová





VOCÊ SABIA?

O samburá é um cesto produzido com tiras de cipó ou bambu taquara. Esse cesto é usado, normalmente, para o transporte de peixes ou de iscas.

Quer conhecer um pouco mais sobre a cultura caiçara?
Visite as redes sociais do Ecomuseu Ilha Grande!
www.ecomuseuilhagrande.uerj.br
https://www.instagram.com/ecomuseuilhagrande/
https://www.facebook.com/ecomuseuilhagrande

ecomuseu ILHA GRANDE
PR3
centro multicultural ILHA GRANDE

TEXTO

QUANDO A FOME VIRA CRIME

Por Marcos Espínola*

Passado um ano e meio de pandemia, o saldo é cada vez mais preocupante não só pela contaminação, ainda presente, mas pelos efeitos colaterais do seu impacto na economia. Boa parcela da população agoniza com fome. Sim, famintos que, sem empregos e moradia, amargam a miséria que levam muitos a atos de desespero, como o furto de comida, que tem aumentado em todo o país. Um sinal de alerta para todas as autoridades que em vez de discutirem as eleições do ano que vem têm uma emergência em salvar vidas, não só vacinando, mas oferecendo meios para acesso à alimentação básica.

Embora não haja dados oficiais, os casos de furtos famélicos, aqueles quando o réu furta para poder comer, estão chegando cada vez mais ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) e ao Supremo Tribunal Federal (STF), porém de forma desnecessária, pois há um entendimento do STF de que casos como esses devem ser arquivados, seguindo o princípio da insignificância. A norma não é obrigatória, mas orienta juízes a desconsiderar casos em que o valor do furto é tão irrisório que não causa prejuízo à vítima do crime. No entanto, muitos juízes e desembargadores estão mantendo a custódia e condenando esses réus à prisão, o que, através dos recursos de defesa, contribui para a lentidão da justiça, pois esses processos, considerados simples na primeira instância, abarrotam as esferas mais altas do judiciário. Segundo notícias recentes, somente no STJ, em 2017, foram mais de 84 mil processos e no ano passado mais de 124 mil, uma alta de mais de 47%.

O avanço da pobreza na última década foi agravado pela pandemia. Em 2020, cerca de 19 milhões de pessoas viviam em situação de fome no país, segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da covid-19 no Brasil, um aumento de 84,4% em comparação a dois anos antes quando, em 2018, eram 10,3 milhões.

Num resumo geral, a grave crise econômica tem deixado muitos brasileiros vulneráveis, fomentando a pobreza e o crime num aspecto ainda mais amplo, pois prender pessoas por delitos não-violentos e sem prejuízos à vítima, ajuda facções criminosas que controlam a população carcerária brasileira que, no primeiro semestre do ano passado, somava mais de 678 mil pessoas, segundo o Departamento Penitenciário Nacional. É que, para sobreviver num presídio superlotado e insalubre, é preciso se render às facções. Quando o indivíduo sai tem uma dívida a ser paga com crimes mais graves e violentos, ou seja, em vez de ressocializado o cidadão sai pior do que entrou.

É aí que a fome vira crime.

*Advogado criminalista e especialista em segurança pública

HISTÓRIA

HISTÓRIA DO FANDANGO

Por Museu Vivo do Fandango

- Opinião de Nelson Palma

História é o hoje ou amanhã que ficou no passado, tudo depende em que tempo paramos para dizer que é passado histórico. Hoje se fala muita besteira porque nos reportamos ao "ouvi falar dos incompetentes", sem nenhum tipo de análise que filtre pelo menos o mais próximo da verdade. Hoje também existe uma tendência acadêmica mudando a história por interesse que eu os considero escusos. Verão no texto deste mês como há divergências. O Fandango, folclore que me refiro neste mês, vai das imediações do Rio de Janeiro até o Rio grande do Sul, bastante forte no litoral sul de São Paulo. Cananéia é um exemplo

Origem do nome e variantes

O termo fandango tem uma história longa e controversa. Para alguns pesquisadores teria origem árabe. Para outros, suas origens viriam da Península Ibérica, quando Espanha e Portugal ainda não eram reinos de fronteiras definidas. Existe ainda uma vertente que classifica a origem do fandango na América Latina, de onde teria partido para a Espanha no início do século XVIII.

Uma de suas definições mais antigas e de uso generalizado é a de fandango como um baile ruidoso. Encontramos referências a baile e conjunto de danças chamadas por esse nome, ao longo de Portugal, Espanha e França. Em Portugal, há formas de dança e funções assim nomeadas no Arquipélago dos Açores, na região entre o Ribatejo e a Estremadura e, mais ao norte, na fronteira com a Espanha, onde congrega-se às principais danças dos Países Bascos. Na região de Andaluzia, é tanto dança como gênero específico, possuindo fortes vínculos com o universo do flamenco. Nas Américas, o termo é empregado desde o período colonial no México e na Colômbia, designando uma dança ou um conjunto de danças.

No Brasil, teve suas origens e influências

ibéricas miscigenadas com outras matrizes culturais, assumindo regionalmente, com o mesmo nome de fandango, aspectos e características completamente diferentes. Como resume Câmara Cascudo, o termo fandango designa, em terras brasileiras, o auto marítimo do ciclo natalino, encontrado em alguns estados nordestinos, e o baile sulista, encontrado no Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. No interior de São Paulo, na região de Sorocaba, há também uma variante de dança sapateada, herdada dos tropeiros, assemelhada à catira ou cateretê.

Fandango caiçara

O fandango encontrado nos litorais paulista e paranaense, independente de suas origens, não seria apenas fruto de uma herança musical chegada ao sul do Brasil pelos portugueses. Essa teria se miscigenado com a música que aqui já havia, também de violas e rabecas, nas vilas e caminhos desde os tempos da capitania de São Vicente. Sua musicalidade transitou por terra e mar, pelos canais e ilhas que interligam o litoral paranaense ao de Cananéia e Iguape, em São Paulo, na região conhecida como Lagamar, estendendo-se até o litoral norte de São Paulo.

O fandango aqui apresentado é compreendido então como uma manifestação cultural popular brasileira, fortemente associada ao modo de vida caiçara, onde dança e música são indissociáveis de um contexto cultural mais amplo. Sua prática sempre esteve vinculada à organização de trabalhos coletivos - mutirões, puxirões ou pixiruns - nos roçados, nas colheitas, nas puxadas de rede ou na construção de benfeitorias, onde o organizador oferecia como pagamento aos ajudantes voluntários, um fandango, espécie de baile com comida farta. Para além dos mutirões, o fandango era a principal diversão e momento de socialização dessas comunidades, estando presente em diversas festas religiosas, batizados, casamentos e, especialmente, no carnaval, onde comemorava-se os quatro dias ao som dos instrumentos do fandango.

Atualmente é cada vez mais rara a realização de mutirões, embora estes ainda sejam organizados em localidades como Rio Verde, Utinga e Taquari. Com o avanço da especulação imobiliária e a transformação de grandes áreas da região em unidades de conservação, inúmeras comunidades tradicionais foram obrigadas a migrar para outras regiões, desarticulando importantes núcleos organizadores de fandangos.

Os fandangueiros encontraram, no entanto, outras formas de vivenciar o fandango, através da organização de clubes de baile, de festas comunitárias, formação de grupos artísticos ou em recriações por grupos mirins. Nos dias atuais, é crescente a colaboração das comunidades com a realização de trabalhos de pesquisa e afirmação cultural das práticas caiçaras locais, através da formação de associações de fandangueiros e outras formas de organização.

Música, dança e instrumentos

O fandango encontrado na região possui uma estrutura bastante complexa, envolvendo diversas formas de execução de instrumentos musicais, melodias, versos e coreografias.

A formação instrumental básica do fandango normalmente é composta por dois tocadores de viola, que cantam as melodias em intervalos de terças, um tocador de rabeca, chamado de rabequista ou rabequeiro, e um tocador de adufo ou adufe. O violão é usado em vários grupos de Cananéia e Iguape, assim como na Barra do Ararapira (Ilha do Superagui - Guaraqueçaba/PR). O cavaquinho também é bastante comum no estado de São Paulo e na Barra do Ararapira. Já o bandolim é encontrado apenas no grupo Violas de Ouro de São Paulo Bagre (Cananéia/SP), utilizando, no entanto, uma afinação completamente diferente da usual. Também são encontrados outros instrumentos de percussão como o pandeiro, surdos, tantãs, entre outros. O machete, instrumento de cordas bastante utilizado no passado para a iniciação musical dos fandangueiros por ser mais simples e menor que a viola, é bastante raro atualmente.

Cada forma musical, definida pelos mestres violeiros, é chamada de marca ou moda, dependendo da região, e possui toques e danças específicas, que se dividem, basicamente, em duas categorias: os valsados ou bailados - dançados em pares por homens e mulheres, com ou sem coreografias específicas - e os batidos ou rufados. Nos batidos, os homens utilizam tamancos feitos de madeira resistente, como canela ou laranjeira, intercalando palmas e tamanqueando no assoalho de madeira, de acordo com a marca ou moda executada. As mulheres acompanham os dançadores em coreografias circulares, onde os pares vão traçando figuras, sendo a mais comum a de um oito, no sentido anti-horário. A maior parte dos grupos, atualmente, possui um mestre marcador, ou mestre-de-sala, responsável por guiar os demais dançadores e evitar que se cometa balaio, como eram chamados pelos antigos os erros nas danças.

A grande maioria dos instrumentos encontrados no fandango são de fabricação artesanal, tendo a caixeta ou caxeta (Tabebuia cassinoides, D.C.) como madeira mais utilizada, e trazendo fama a alguns dos construtores de instrumentos ou fabriqueiros encontrados ao longo do caminho.

A viola de fandango, também chamadas em Iguape de viola branca, guarda algumas semelhanças com a viola nordestina, mas diferencia-se especialmente pelo variado número de cordas e pela presença da turina, cantadeira ou piriquita, corda mais curta que vai somente até o meio do braço da viola e, como o próprio nome diz, dá o tom da voz do violeiro. Em sua grande maioria, as violas possuem dez casas como as violas caipiras de meia-regra, mas os fandangueiros não as chamam de casas e, sim, de pontos, que são feitos com arame. As cravelhas são feitas de madeira dura e encaixadas no braço da viola através de furos feitos com ferro quente. Morretes é a única localidade no Paraná em que a viola mantém as dez cordas, sendo nove finas e uma um pouco mais grossa no quinto par, mas não possui a turina.

As violas de fandango são feitas com

madeiras da região, podendo ser de fôrma (de aro) ou cavoucada (de cocho, escavada). No primeiro caso, o construtor tira filetes de madeira e põe na fôrma por alguns dias para que ela seja moldada e vai aos poucos montando o instrumento, peça a peça. No segundo, o construtor derruba uma árvore de tamanho suficiente para se fazer uma viola e, depois, vai esculpindo corpo e braço em uma peça única, colocando o tampo ou o fundo ao final. Além da caixeta, outras madeiras mais resistentes, como o cedro e a canela, podem ser utilizadas especialmente para confeccionar as cravelhas, sobrebraços, cavaletes e os detalhes do acabamento em machetaria.

Os fandangueiros não possuem uma altura padrão para afinação das violas, que podem ser três: pelas três, pelo meio e intaivada (nome que, provavelmente, deriva de oitavada). A afinação em Morretes é denominada de pelas três e esta só foi encontrada novamente na Barra de Ararapira, tocada pelo violeiro Fausto Pires. A afinação pelas três é a única no fandango em que, à maneira da viola caipira, as cordas soltas formam um dos acordes da música. O quinto e o quarto pares de cordas são sempre tocados soltos. O outro acorde é feito com uma meia pestana, onde o dedo um prende na quinta casa o primeiro, segundo e terceiro pares de cordas.

A afinação pelo meio é usada somente na Ilha dos Valadares, em Paranaguá, enquanto a intaivada é tocada em Paranaguá, Guaraqueçaba, Cananéia e Iguape. Os intervalos para afinação entre as cordas, nas afinações pelo meio e intaivada, são semelhantes aos intervalos do violão, porém em oitavas diferentes. A afinação pelas três é semelhante a afinação guitarra da viola caipira. Usa-se na quase totalidade das modas a tônica (T) e a dominante (D) para o acompanhamento. Os violeiros usam apenas os quinto, sexto e sétimo pontos da viola para acompanhar as marcas ou modas, salvo raros momentos onde registramos o violeiro ponteando a viola.

A rabeca também pode ser feita na fôrma ou cavoucada, utilizando-se vários tipos de madeira diferentes. O instrumento possui três cordas em quase toda a região, à exceção de Morretes e Iguape, onde é encontrada com quatro cordas. A afinação mais usada, da corda mais grossa para a mais fina, é de uma quarta justa. A rabeca sempre dobra a primeira voz e, nos momentos em que a moda ou marca não está sendo cantada, faz uma linha melódica própria, tendo um toque - ou ponteado - específico para cada uma. Segundo os fandangueiros, a rabeca enfeita o fandango e, por não ter pontos como a viola, é mais difícil de ser tocada. O dandão e a chamarrita, modas valsadas, possuem vários temas diferentes para rabeca, e podem ser tocados na mesma moda conforme a vontade do rabequista. Em São Paulo os toques de rabeca são diferentes dos toques do Paraná.

No acompanhamento rítmico temos o adufo, espécie de ancestral artesanal do pandeiro, onde o couro é deixado mais frouxo para obtenção de um som mais grave. O adufo era, no passado, confeccionado com couro de cachorro-do-mangue (mangueiro), veado ou cutia. Atualmente, com as proibições da caça desses animais, é mais comum o uso do couro bovino ou bode, embora o adufo venha sendo cada vez mais substituído pelo pandeiro.



Grupo de Fandango de Mestre Romão , Ilha dos Valadares - Paranaguá/PR. Fonte: Observatório do Patrimônio Sudeste

Nos estudos dedicados ao fandango encontramos registros que dão conta de até duzentas marcas ou modas registradas. Embora este número nos pareça um pouco exagerado, de fato, impressiona a quantidade de toques e coreografias.

No caso de São Paulo, essa prática é atualmente pouco comum, embora antigos fandangueiros ainda saibam dançá-lo.

Dentre os valsados mais tocados, temos as chamarritas e os dandãos, como são chamados no Paraná e em Cananéia, e os bailados e passadinhos, em Iguape.

A chamarrita, também chamada de chamarrita de louvação, em muitos lugares, era a primeira marca que dava início ao fandango, onde se pedia licença para a brincadeira e era saudado o dono da festa. Vinha antes mesmo do anu, primeiro batido dançado. Atualmente, as chamarritas não possuem mais essa função, sendo apenas uma forma de tocar e dançar o fandango valsado. No Paraná, a grande maioria não possui refrão. O violeiro canta os versos que ele já conhece de cor, adaptados às diferentes melodias de chamarritas por ele conhecidas. Geralmente os dois violeiros usam a mesma batida e a rabeca acompanha em uníssono os cantadores, possuindo alguns toques solo para os entremeios das estrofes. Em São Paulo, a maioria das chamarritas registradas possui refrão. Os toques tradicionais de rabeca são diferentes dos toques paranaenses e o violeiro não precisa cantar todos os versos do refrão depois da despedida, podendo cantar apenas o primeiro e o último. O dandão, ao contrário da

chamarrita, apresenta refrão na grande maioria dos registros realizados. Podem começar tanto pelo refrão como por qualquer uma das quadras escolhidas pelo fandangueiro. Depois da despedida, o violeiro tem que cantar todo o refrão. No dandão, como na chamarrita, a rabeca acompanha em uníssono o canto e possui outros toques para o entremeio instrumental.

A maior parte das músicas cantadas no fandango não possuem autor conhecido, sendo consideradas muito antigas pelos tocadores. Destacamos, no entanto, a presença dos modistas ou tiradores de moda da cidade de Cananéia, como Ângelo Ramos, Armando Teixeira, Paulo de Jesus Pereira, do grupo Violas de Ouro de São Paulo Bagre, e do Jovem Valdemir Antonio Cordeiro, o "Vadico", do grupo Jovens Fandangueiros de Itacuruçá (Ilha do Cardoso - Cananéia).



Pitosto Fighe - Romântico

MÚSICA: A EXPRESSÃO DA ALMA

"Pela janela da alma, sai a música e entra em outras janelas, onde completa o holo". Música se compõe de vibrações e nós assim somos compostos.

Acredito que todos os seres vivos que emitem som, tenham a música como expressão da alma. Se ouve dizer que quando a música entra na veia do artista não sai mais. Eu diria que a música habita em todos nós para que a alma se expresse, nas mais diversas formas de sons. Por mais desafinado que alguém seja, nele habita um coração, com tantas emoções, quanto o privilegiado pelo melhor talento.

Por fazer parte de minha origem, gostaria de começar mencionando os banhados, onde se ouvem "vozes e cochichos", que nada mais são que a alma destes seres emitindo sons e expressando os sentimentos mais diversos. Ali existe desde a tristeza de um "réquien", até o lúdico de aleluia em um casamento, cantado pela noiva. Ali se ouve tudo em música a qualquer ponto do imaginável. Desde o coaxar de um grande sapo ao soprano de uma minúscula rã, que quase necessitamos de uma lupa para observá-la, e como nossa sensibilidade musical se encanta diante desta sinfonia! Eu viajo, não só viajo, como surfo no pentatônico ou nas sete notas e semitons, deste pentagrama improvisado pelos batráquios.

Pensem comigo. Se somos assim diante de um banhado, imaginem a alma ouvindo pela sua janela, os melhores talentos humanos, com as melhores músicas e os melhores instrumentos!!!! Caramba, eu fico de alma exposta! E até me estimula ir "botecar" à noite, com as loucas lindas, pelo estirão da praia do Abraão. Irresistível, não é? Você nunca foi, né? É porque sua janela está fechada, abra-a que sentirá a obstrução da alma se abrindo! Nova energia o envolverá!

Mas, não posso ficar por aí só nos banhados! Vamos adentrar na mata, "com sua majestade o sabiá"! Ele canta e nos encanta, com muitas vozes; e a seriema no alto de um palanque de cerca se fazendo de Tetê Espindola? E o coral de bugios, entre os barítonos e os tenores, desafiando um Pavarotti? As saracuras, onde uma no coral matinal, canta em estilo "boca chiusa"? E a dança dos tangarás, que deverá ser com letra e música pornô? É! Você já observou o ritual deles? A estridente graúna? A melancolia de um bando de urus, ao cair da noite, bem na hora da Ave Maria? A triste canção do urutau? A imponência e o desafio de um galo? Mas agora vem o dono da mata: o irapuru - "A mata inteira fica muda ao teu cantar, tudo se cala, para ouvir tua canção"! Nossa! São tantos sons e vozes neste mundo de Deus, que Ele possivelmente também se sentará para ouvir a orquestra tocando sua "ÓPERA"!

Em verdade, no mundo moderno, tudo isso se esqueceu. No Memorial dos Palma, lá no município de Quatro Irmãos – RS, conserva-se boa parte disso, para poder mostrar aos netos e bisnetos, mesmo já estando culturalmente em estilo "urbanoide".



Poderes da música: ela nos faz felizes, nos faz amar, nos faz dormir, nos empolga, nos deixa tristes, nos deprime, nos faz chorar, nos leva ao psicólogo!... Na verdade, ela tem o poder de abrir a janela para a alma expressar seu sentimento. Por isso a música pode denunciar quem somos e o que temos dentro de nós. Ela abre a caixinha dos segredos, que não é a de pandora, às vezes com surpresa, e com isso podemos até dizer o romântico que está escondido dentro de nós, a alguém que amamos e não sabemos como chagar. Ah! Esse romantismo!

A MÚSICA É A JANELA DA ALMA PARA ENTRADA OU SAÍDA DO QUE NECESSITAMOS MOVIMENTAR NO SENTIMENTO. A administração é nossa... e feliz de quem tem capacidade de administrar-se. A música cura males de forma milagrosa. Mas, cuidado! Dependendo de sua fraqueza espiritual, poderá levá-lo ao desespero. Para mim, ela alimenta a força do espiritual, só do que é bom.

Vamos ouvir? *https://www.youtube.com/watch?v=zLmFElksvh8*

https://www.youtube.com/watch?v=zLmFElksvh8

https://www.youtube.com/watch?v=_Q1U_A-oJEk

https://www.youtube.com/watch?v=-Yy3sPaZP6Q

https://www.youtube.com/watch?v=47wH2_ojG3I

https://www.youtube.com/watch?v=xPnTfM7gwhM

O SOM, A REVERBERAÇÃO

Por Ricardo Yabrudi

A reverberação sonora, parte da física e do áudio se dá quando uma fonte sonora é emitida em um recinto fechado e as paredes ou anteparos desse recinto refletem suas ondas. Dependendo do material reflexivo, as repetições advindas das reflexões vão se espalhando até que todas as ondas sonoras sigam perdendo intensidade. Num primeiro estágio estas reflexões são menos intensas formando ecos esparsos. Após certo tempo, esses ecos se aglutinam transformando-se em um aglomerado, uma pasta de reflexões onde não se pode notar mais o eco. Este é a primeira resposta que se nota e se faz entender. A reverberação é um amontoado desses ecos em que o intervalo é menor que 50 ms (milissegundos), [o ouvido humano só consegue perceber intervalos de respostas (ecos) maiores que eles]. Numa sala, por exemplo, onde as paredes são revestidas de azulejo, onde um som é emitido em seu interior e dura 2 segundos, existirão aproximadamente 400 reflexões até que o som desapareça. Isto é reverberação.

A ANALOGIA QUE REVERBERA

Como se dá a reverberação na filosofia? Como posso fazer uma "analogia" da reverberação física com os conceitos filosóficos advindos do seu estudo chocando-se em reflexões gerando uma reverberação difusa? A primeira reflexão filosófica, nesta analogia, possivelmente iniciou-se por um eco (a primeira resposta) de algum conceito que alguns homens ouviram. Com seus cérebros, analogamente a paredes, refletindo algum pensamento, passaram consecutivamente adiante essa informação com menos intensidade. Contudo, se uma parede é de material diverso, da mesma forma quando os humanos pensam de maneira singular, a onda, com sua equalização distorce o timbre primário.

O TIMBRE DO FILÓSOFO E SEUS HARMÔNICOS

As vozes filosóficas possuem diversos timbres. Um timbre é o que dá personalidade a um instrumento. O violino, por exemplo, possui um timbre (uma qualidade especifica de seu som), a flauta outro diferente. São, portanto, os harmônicos, os responsáveis por essa diferença, o das colorações nas vozes dos instrumentos. Se não fossem eles, todos possuiriam a mesma cor sonora e todos os homens a mesma voz. A singularidade se faz através do "timbre".

Os filósofos possuem diferentes timbres. Porém, alguns imitam os timbres de outros filósofos que marcaram seu passado, na sua pretérita aprendizagem filosófica. Alguns possuem o timbre de Platão: são platônicos. Alguns são kantianos, outros hegelianos, outros nietzschianos. Copiar um timbre e apenas imitá-lo é refletir nas teses acadêmicas os ecos das vozes dos filósofos anteriores sem nenhuma contribuição de novas ideias. Esse filósofo, neste sentido, meramente traz à tona as reverberações anteriores, pois os cita em "aspas" em seus artigos.

No entanto, se um bom pensador, e se este deseja se diferenciar procurando um timbre diferente, novo, audaz, certamente ao passar as reflexões anteriores deverá construir um novo resultado daquele conhecimento recebido, seja ele: ético, moral, gnosiológico ou estético. Contudo, a reverberação excessiva (a que se repete de maneira contumaz), confunde o entendimento não propondo ideias novas, gerando dúvidas e espalhando opiniões contrárias; pois só reverbera o som anterior. A reverberação filosófica simplória é um amontoado de reflexões que vai manter "em principio" uma linha de raciocínio, e uma singela ajuda aos que desconhecem os princípios da filosofia, mas não reverberará novas ideias.

A REVERBERAÇÃO QUE PERSISTE

A filosofia idealista socrática vem reverberando a mais de dois mil anos. Nietzsche ainda está com poucas reflexões, pois não aceitou as de Sócrates que vieram dos seus futuros seguidores. O pensamento nietzschiano ainda não reverberou o bastante para ser combatido ou rejeitado - ainda não venceu os idealistas. Já Kant inaugurou um primeiro som. Refletiram suas ondas os filósofos posteriores, embora tenha repetido algumas ondas de Descarte. Também Schopenhauer refletiu as ideias de Kant, reverberando um novo conceito, através de sua magna intuição, e que alterou o entendimento da "coisa em si" kantiana no seu: "O Mundo como vontade e representação".

Quanto mais a filosofia avança mais a reverberação se espalha. A literatura entra também como uma parede reflexiva. Por isso, muitas teses a usam para explicar assuntos de que trata a filosofia. Goethe é material filosófico-literário para muitas reflexões e posterior reverberação, Guimarães Rosa também. Dostoievsky não fica de fora, nem Dante Alighieri, nem John Milton, nem Shakespeare.

As ondas filosóficas estão aí para encher um recinto, a sala da razão e do instinto com intensas reverberações. Quanto mais o tempo passa, mais o entendimento inicial torna-se difuso, reverberante. A massa sonora das vozes filosóficas transforma-se numa pasta quando não se propõe brilhantes ideias. Precisamos buscar ouvir o som inicial dessa voz primeira – a de uma sempre questionadora, surpreendente.

- Silêncio! Não suportamos mais tanta reverberação.

Quando o homem primitivo viu o cadáver de seu pai e de sua mãe... Questionou:

- Para onde foram?

Essa foi a primeira voz, a primeira onda. Foi aí que se iniciou a reverberação, a gênese da filosofia...

"Caro leitor, nós temos um compromisso com nossa imigração, nossa história e nossas marcas deixadas, razão de termos esta página dedicada à cultura italiana, que poderá não ser de seu interesse, portanto nossas desculpas". Mas se quiser nos acompanhar será bem-vindo!

MEMORIAL DOS PALMA

Serão bem-vindos a participar desta página, todos os interessados na divulgação da memória italiana. Aqui temos espaço para todos, e por certo nos estimularão a perseverar nesta jornada. Envie sua matéria para o e-mail do jornal: oecojornal@gmail.com. Também podem ler todas as edições passadas, em www.oecoilhagrande.com.br e saber mais sobre nós mesmo em WWW.memorialdospalma.com.br além de instagran e facebook



Repetimos para que o novo leitor, entende nosso propósito pelo início: - Nesta casa nos criamos, aprendamos o básico da vida,

que é o sentimento familiar, respeitar a todos, ser honestos e termos Deus como fundamento espiritual.

- Você pode enviar notícias, opiniões, contos, enfim tudo o que possa interessar à imigração italiana. Nós publicaremos!

MÊS DE SETEMBRO

1 – O QUE FALTOU NO MES PASSADO

No jornal do mês passado, faltaram algumas fotos da trilha do salto que poderão ser interessantes, também do forno prontinho para o assado e o visual do local da simbólica patente. Vejam:



Localização da Patente



Forno à lenha



Trecho de acesso à cachoeira



Trilha Marco Polo



Trilha dos Bengalas



Trilha Fiá longo



Trecho da escada já pintado

2 - MÊS PROMISSOR

Este setembro promete, pois faltam apenas três meses para janeiro, 3º aniversário do memorial. Temos que pensar na festa. O Davi já pode separar a grana para a bebida da festa. + ou – cem bocas nervosas estarão presentes e tanto devoram comida quanto bebem (sempre socialmente é claro). O Davi deve encomendar também um barrileto de graspa da Miolo, para tranquilizar o espírito. A graspa (grapa ou bagaceira) substitui perfeitamente o absinto, não é?

Temos que recuperar o tempo perdido na maldita pandemia. Neste ano, a festa começará na sexta e terminará na madrugada de segunda feira. Se alguém perder o emprego, arranjará outro, faz parte! Aceitam-se propostas! Terá outro mestre de cerimônia, desta vez mulher. Vamos também tentar trazer algum cantor regional famoso, pois a música é a janela da alma, especialmente quando acelerada com o "espirito" da graspa (spírito em talian quer dizer álcool). Bem, tudo promete! - Recomendação ao GIUSEPE MANGIATUTTO: preparar algo especial que represente a cozinha italiana dos imigrantes, não pode ser polenta. Algo especial, exemplo: bizi a la zia Lucinda, radici coti come fasea lá nona, bruscandoli a la padela, le taghiadele dela mama ou la fortaia de formaio. E por aí vai. "Ah! Su con le recie Giusepe, é"!

Que tal a data para janeiro: 14 chegada, 15 e 16 festa. Tudo nos moldes das anteriores. Hotéis: Jacutinga (simples), 15 km. Erechim logo na entrada, bem confortável e barato, 35km.Tudo está aberto à discussão. Uff, isto é perigoso!

3 - DESTAQUES NO MÊS

- O Filme Barão Hirsch, O judeu de Quatro Irmãos que é um longa-metragem do cineasta e roteirista Osnei de Lima, onde conta a saga do povo judeu através dos tempos e o sincretismo que esse povo fez com as etnias do local.

No nosso Memorial filmaram cenas na cacheira, onde Barão Hirsch, atravessa com a família o rio, como símbolo das dificuldades encontradas na chegada e na fundação de Colônia de Quatro Irmãos.

Visitaram o Memorial no dia 30 de setembro, o elenco, os participantes do filme e Prefeitura:

CINEASTA E ROTEIRISTA: OSNEI DE LIMA

ELENCO: DANIELA ALBUQUERQUE, RICARDO SALOMONI, TOMAZ ALVES FERREIRA, EDUARDA AGRANIONIK e ANTONIA ARIOLI

PARTICIPAÇÃO: ALJUCIR DUTI DE QUADROS, SERGIO PEREIRA, SIDNEI TAUFER, DANIELA PAPICH AGRANIONIK e RENATA ZAFFARI ARIOLI e mais 12 figurantes do município.

DIRETORA DE ARTES E FIGURINOS: SIMONE STEIN DE LIMA

FOTOGRAFIA, IMAGENS E MIXAGEM: BETO HACHMANN

AÚDIO: DJONE R. BALD

OPERADOR DE MAKING OFF: ANDRÉ MEDEIROS

O elenco acompanhado pelo Sr. Giovan Pagasnki, Prefeito municipal o Vice-prefeito Sidnei Taufer, secretários e mais doze figurantes de Quatro Irmãos, fizeram presença no Memorial. Visitara a parte das fotos

depois o auditório/museu e nos pareceu que sua admiração foi grande.

No dia seguinte partiram para filmar na cachoeira que também estava muito linda

Cenas do filme feitas na cachoeira do memorial:







Barão Hirsch na travessia do rio com a família





Osnei de Lima, cineasta e Daniele, atriz principal. Durante às cenas de gravação na cachoeira.

COQUETEL DE ENCERRAMENTO

Coquetel de encerramento da filmagem na parte de Quatro Irmãos e Brasil, foi no haras pertencente à família Arioli que teve participação no filme, com Antônia e Renata Arioli.

O coquetel foi bastante descontraído, como é cultural na região, com pronunciamentos muito interessantes, quanto ao trabalho no filme, no relacionamento humano sem discriminações e o quanto reflete no bem-estar de uma sociedade. Muitos agradecimentos, onde também nos incluíras, pelo sucesso da cachoeira e do Memorial.

O diretor do filme cineasta Osnei de Lima, em sua fala de agradecimento a todos, mostrou-se feliz com o resultado, até aqui, e destacou com muita satisfação, a importância de imprensa na divulgação do filme. O artista principal, Ricardo Salomoni, em sua fala bastante mística, destacou o judaísmo e o judaico cristão sensibilizando a todos. Representante da familia Agronionik descendente direto da imigração judaica fez emocionante pronunciamento destacando a importância do evento.

O Sr. Adalberto Arioli, o Beto, foi o anfitrião, uma pessoa marcante pelas suas caracteríStcas, carisma, simplicidade e sucesso como

empreendedor na região. Seu pronunciamento também na linha dos demais, marcou muito bem o momento. Com destaque ouve um momento hilário, onde ele confessou que havia roubado como brincadeira do Sr. Salomoni (pai), um cinzeiro de estimação e neste momento estaria se redimindo, devolvendo o cinzeiro a quem seria o herdeiro legal. (Foi um momento cômico



Beto Arioli - anfitrião

e alguém sussurrou: já pensaram se todos os políticos lalaus fizessem isso)?

O Sr. Sidnei Taufer Vice-prefeito, em nome da prefeitura, externou agradecimentos, parabenizou os participantes e cumprimentou o sr. Beto Arioli como anfitrião. Entre outros, assim foram os pronunciamentos. Fechando o evento, foram distribuídos vários mimos e muito agraciada a artista principal Daniela Albuquerque recebendo com muito carinho um mimo da Sra Lucrécia Zafari Arioli, com flores e agrados.

Tenho que destacar a importância da Daniela, como artista, uma pessoa simples e de especial capacidade de comunicação. Todos comentaram positivamente a participação da Daniela em todos os momentos.

O HARAS: não tive tempo de conhecer, mas captei que está entre os mais interessantes do Brasil, ou possivelmente o melhor e o mais técnico. Nesse haras,



Agranionik e Ricardo Salomoni, personagem de Barão Hirsch



Kids que atuaram no filme



Panorama de congraçamento

personalidades em destaque no país têm seus cavalos.

A partir de agora o elenco segue para Europa (leste europeu) e oriente médio, para conclusão da filmagem.

-Em minha opinião este filme abre uma enorme janela, para o mundo olhar o nosso município e a saga do povo judeu no planeta. Além de ter um inestimável valor na história da cultura.

MÊS DE SETEMBRO AINDA

- Neste mês o Memorial rendeu, também realizamos os retoques finais na área para as festas vindouras. Tivemos sucesso muito positivo, como eventos e melhorias no memorial. Vamos preparando as festas. No próximo item já faço provocações para aguçar os ânimos.

4 - PROVOCAÇÃO – ÚLTIMA FESTA ANTES DA PANDEMIA (momentos).

O velho e saudoso porão transformado em auditório e museu.















NÃO DÁ PARA RESISTIR. Nossas estravagantes festas são marcos na história de um povo, com 400 anos de genealogia, através de uma família que cultiva seu passado como presente! Site www.memorialdospalma.com.br. “Se esbarrar nas barras daquele horizonte, nos visite”.





5 – FOTOS HISTORICAS – OUTROS





Papai e mamãe, nos anos de 1960, curtindo os netos



Ao centro, nosso mano Heitor, hoje já no octogenário, com primo e primas, filho e filhas do tio Quequi e tia Sunta. Chapecó – SC
Tempos saudosos! Heitor é um dos dez irmãos que construíram o Memorial dos Palma! Saudade:é o amor que fica! Ou também podemos dizer : lembranças dos bons momentos!



TEMPOS!

Bem, chegamos ao fim de mais um mês, onde tudo continuou interessante. Mandem matéria para o email: oecojornal@gmail.com , para trazermos a memória do passado ao presente. Não esquecer que as matérias são de qualquer pessoa que tenha interesse na história da imigração. Também quem tiver interesse em receber o jornal em PDF é só nos mandar o email que o mandaremos. Obrigado gente!!!!

O ECO
Jornal da Ilha Grande

QUER PUBLICAR SUA MATÉRIA, COMPARTILHAR UM TEXTO, DAR SUA OPINIÃO, DIVULGAR UMA FOTO OU UMA CURIOSIDADE ???
ESCREVA PARA NÓS!

oecojornal@gmail.com

SIGA-NOS TAMBÉM NO INSTAGRAM E NO FACEBOOK:@oecojornal

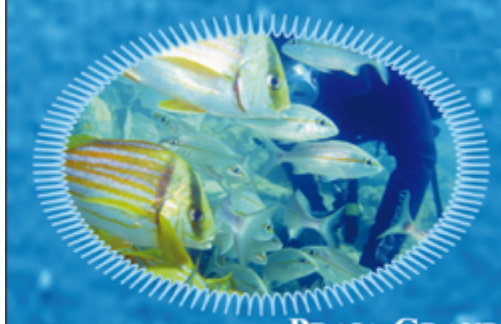
FECHANDO: Ah! Não esqueça de abrir este link, para conhecer minhas amigas lá do sul. Você vai gostar do trabalho que elas fazem. Elas formam uma família extraordinária e sabem se comunicar como poucos. https://www.youtube.com/watch?v=vb2E1bssA08&list=RDMM&index=12. A música para elas é uma constante serenata "na janela da alma". Uaauuu!!!

Este jornal é de uma comunidade. Nós optamos pelo nosso jeito de ser e nosso dia a dia, portanto, algumas coisas poderão fazer sentido somente para quem vivencia nosso cotidiano. Esta é a razão de nossas desculpas por não seguir certas formalidades acadêmicas do jornalismo. Sintetizando: "É de todos para todos e do jeito de cada um"!

Trilhas da Ilha Grande

Trails of Ilha Grande
Angra dos Reis - Rio de Janeiro - Brazil







Angra
Mangaratiba
ABRAÃO
Freguesia de Santana
Japariz
Bananal
Matariz
Saco do Céu
Enseada das Estrelas
Enseada do Sítio Forte
Longa
Praia Grande de Araçatiba
Vermelha
Gruta do Acaiá
Enseada das Palmas
Mangues
Pouso
Pico do Papagaio
Farol dos Castelhanos
Santo Antonio
Lopes Mendes
Caxadaço
Dois Rios
Aventureiro
Proveta
Parnaioca
Meros
T1
T2
T3
T4
T5
T6
T7
T8
T9
T10
T11
T12
T13
T14
T15
T16
RESERVA BIOLÓGICA DA PRAIA DO SUL
PARQUE ESTADUAL DA ILHA GRANDE



TRILHAS *TRAILS* · PRAIAS *BEACHES* · POVOADOS *VILLAGES* · CAIS DE ATRACAÇÃO *PIERS*

A Ilha Grande faz parte da Área de Proteção Ambiental de Tamoios (Decreto Lei 9.452-/12/86).
Ilha Grande is part of the Tamoios Environmental Protection Area (Executive Law# 9.452 of 12/86).

	T01	T02	T03	T04	T05	T06	T07	T08	T09	T10	T11	T12	T13	T14	T15	T16
	Circuito do Abraão	Aqueduto Saco do Céu	Saco do Céu Freguesia de Santana	Freguesia de Santana Bananal	Bananal Sítio Forte	Sítio Forte Praia Grande de Araçatiba	Praia Grande de Araçatiba Gruta do Acaiá	Praia Grande de Araçatiba Provetá	Aventureiro Provetá	Abraão Praia dos Mangues Pouso	Pouso Lopes Mendes	Pouso Farol dos Castelhanos	Abraão Pico do Papagaio	Abraão Dois Rios	Dois Rios Caxadaço	Dois Rios Parnaioca
Distância / Distance / Distancia	1.700m	7.900m	3.009m	2.700m	5.100m	6.000m	11.800m (ida e volta)	3.800m	3.600m - (ida e volta)	5.100m	2.000m - (ida e volta)	11.600m - (ida e volta)	8.000m (ida e volta)	14.000m - (ida e volta)	7.000m - (ida e volta)	16.000m - (ida e volta)
Nível / Level / Nivel	Leve / Soft / Leve	Médio / Medium / Medio	Leve / Soft / Leve	Leve / Soft / Leve	Leve / Soft / Leve	Leve / Soft / Leve	Médio / Medium / Medio	Médio / Medium / Medio	Pesada / Hard / Difícil	Médio / Medium / Medio	Leve-Médio / Soft-Medium / Leve-Medio	Leve-Médio / Soft-Medium / Leve-Medio	Pesada / Hard / Difícil	Pesada / Hard / Difícil	Médio / Medium / Medio	Médio / Medium / Medio
Atrativos / Attractions / Atractivos	Mirante da Praia Preta Poção Aqueduto Ruínas do Lazareto	Cachoeira da Feiticeira Manguezal Igreja de Cosme e Damião	Cultivo de Mexilhões Igreja da Freguesia de Santana	Lagoa Azul Cultivo de Mexilhões Igreja do Divino Espírito Santo Mirante do Bananal	Figueira Branca Cultivo de Mexilhões Manguezal Nascente	Cultivo de Mexilhões Cachoeira da Longa Igreja de São Pedro Igreja Nossa Senhora da Lapa	Gruta do Acaiá	Comunidade Evangélica	Igreja de Santa Cruz Praia e Pedra do Demo	Igreja da Praia de Palmas Vista da Enseada do Abraão	Pedras Lopes Mendes Monumento Artístico "Quando o Iaio vira Arte"	Fazenda do Peter-Alemão Cultivo de Mexilhões Farol dos Castelhanos	Segundo ponto mais alto da Ilha - Mirante 982 metros de altura - Visão panorâmica da baía da Ilha Grande - Visão das praias Lopes Mendes, Dois Rios, Ilha de Jorge Grego, Saco do Céu	Mirante Curva da Morte Piscina dos Soldados Ruínas Presídio da Ilha Grande Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho	Caminho das Pedras	Toca das Cinzas Igreja Sagrado Coração de Jesus Cachoeira de Parnaioca Ruínas da antiga vila
Praias / Beaches / Playas	Do Corisco Preta (presídio)	Iguaçú Camiranga Perequê de Fora Manguezal Do Galo Do Corrado	Do Corrado Do Funil Do Japariz	Praia da Baleia Do Baixo Bananal Pequeno Bananal	Matariz Jacorema Passaterra Manguaraquissaba Do Marinheiro Manguezal Sítio Forte	Tapera Ubatubinha Da Longa Ilhote da Longa Praia Grande de Araçatiba	Araçatiba Itaguaçá Praia Vermelha	Araçatiba Provetá	Provetá Aventureiro	Da Júlia Palmas Mangues Pouso	Pouso Lopes Mendes Santo Antônio	Da Itaoca Da Aroeira Do Recife Dos Castelhanos	Angra dos Reis, Restinga da Marambaia, etc.		Dois Rios Caxadaço Pesqueiro Trinta Reis	Dois Rios Parnaioca